



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGE

LUCAS FERREIRA NASCIMENTO

**TERRITÓRIO E IDENTIDADE LGBTQ+: O PAPEL DOS ÍCONES MUSICAIS DO
POP NACIONAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBTQ+ DA CIDADE DE
VIÇOSA NOS ANOS 2014 A 2019**

VIÇOSA – MG

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGE

LUCAS FERREIRA NASCIMENTO

TERRITÓRIO E IDENTIDADE LGBTQ+: O PAPEL DOS ÍCONES MUSICAIS DO *POP*
NACIONAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBTQ+ DA CIDADE DE VIÇOSA
NOS ANOS 2014 A 2019

Monografia apresentada sob a orientação do Prof.
Dr. Leonardo Cívale. Como exigência para
conclusão do curso de Geografia na modalidade
bacharelado.

VIÇOSA – MG

2019

LUCAS FERREIRA NASCIMENTO

TERRITÓRIO E IDENTIDADE LGBTQ+: O PAPEL DOS ÍCONES MUSICAIS DO *POP*
NACIONAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBTQ+ DA CIDADE DE VIÇOSA
NOS ANOS 2014 A 2019

Monografia apresentada sob a orientação do Prof.
Dr. Leonardo Civale. Como exigência para
conclusão do curso de Geografia na modalidade
bacharelado.

Aprovada em: 26 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo Civale – Orientador

Departamento de Geografia / UFV

Profa. Dra. Janete Regina de Oliveira

Departamento de Geografia / UFV

Profa. Dra. Heloísa Raimunda Herneck

Departamento de Educação / UFV

**“Um novo tempo há de vencer
Pra que a gente possa florescer
E, baby, amar, amar, amar, sem temer.”**

Jhonny Hooker

AGRADECIMENTOS

Foram muitas etapas vencidas, e com certeza a maior das batalhas foi o TCC. Noites sem dormir, com medo de não dar conta, medo da relevância da pesquisa não ser reconhecida, ou de não ter escolhido um tema que desse orgulho às pessoas que me trouxeram até aqui.

Sem sombra de dúvidas, esse trabalho não seria nem um mero pensamento se não fosse pela dedicação constante do meu pai, José Roberto, que abdicou de sua vida e parte de seus sonhos para me dar uma boa infância, sendo meu exemplo de homem a seguir. Sei que talvez o tema dessa pesquisa o assuste um pouco, mas sei que ele entenderá o quanto me esforcei para que ela existisse. A força vinda da minha mãe, Rosângela, a mulher mais forte e inspiradora que conheço, foi e sempre será a fonte da minha esperança, a minha recarga. Sem minha mãe eu jamais acreditaria na força que existe em mim, e não teria peito pra sustentar um tema polêmico como esse.

Agradeço a todos que contribuíram com essa pesquisa. Aos meus amigos e amigas. À Ingrid, Évelyn, Talita, Ingrid por me ouvirem falar do TCC a cada dois minutos, como se minha vida dependesse disso. Ao pessoal do Crea-Minas Jr. Núcleo Viçosa, por entender que às vezes eu não ia poder comparecer a um evento, ou a uma reunião, por ter que entrevistar alguém, ou por ter reunião com o orientador. À Equipe MCTAD por ser tão compreensível e amável, me deixando trocar meus horários pra dar conta de cumprir meu cronograma.

À Ingrid, Tamiris, Paola e todos e todas que me lembravam de separar um tempinho pra vida social, quando eu estava prestes a surtar. Sempre na disposição de tornar mais leve essa caminhada.

Às pessoas entrevistadas, por entenderem a importância de um trabalho como esse, por usarem a sinceridade e prestar seu apoio em todo o momento. Quero que todos e todas saibam que são tão donos e donas da realização desse projeto como eu.

Ao meu orientador, Civalo, por me ajudar a encontrar os melhores caminhos para a pesquisa. Às minhas professoras e professores do ensino básico à graduação, por me darem a base para me apropriar da minha pesquisa, com um respaldo teórico bem diversificado.

A Deus, por ser minha força, por me ensinar a acreditar em mim mesmo, e colocar amor nas coisas que faço. E finalmente, agradeço a mim mesmo, por ir a diante, mesmo quando não se tinha muita perspectiva. Por sair de uma escola pública de ensino médio, que tinha menos que o mínimo de recursos necessários, agarrar todas as suas oportunidades e se tornar um geógrafo competente e responsável.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Viçosa	25
Figura 2: Ranking de artistas mais ouvidos(as) no município de Viçosa em agosto de 2019.....	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Artistas selecionados para a pesquisa pelo número de entrevistas em que aparecem.....	32
Tabela 2: Artistas selecionados e como se identificam e se apresentam.....	33

RESUMO

A proposta principal da pesquisa é analisar como, e se, essa representatividade acontece através dos artistas musicais do *pop* nacional dos últimos cinco anos (2014 a 2019), partindo da visão da comunidade LGBTQ+ residente no município de Viçosa, em Minas Gerais. Para que se reconheça essa representatividade, se faz necessário saber se os artistas tratados na pesquisa chegam a ser considerados ícones musicais, considerando que estes são aqueles que usam de sua visibilidade, para representar as causas de determinado grupo social. Não obstante, a representatividade social LGBTQ+ se dará através de indivíduos com grande popularidade ocupando ambientes da mídia, da política e de grande acesso de públicos diversos. Em toda história foi percebido o movimento desse grupo social buscando formas de se estruturar para reivindicar seus direitos. Considerando que em 2019 foi aprovada a criminalização da LGBTfobia, pode-se dizer que é um momento extremamente propício para dar reconhecimento às conquistas dessa comunidade. A pesquisa passa por diversos momentos até chegar de fato à comunidade LGBTQ+ de Viçosa e aos próprios nomes dos artistas que compõem parte dos sujeitos pesquisados. Por fim, entende-se que a representatividade de fato acontece, e que os artistas passam a ser considerados ícones por um conjunto de ações que levam a isso.

Palavras-chave: Música; Comunidade LGBTQ+; Território; Identidade; Movimento Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA DA MÚSICA E COMUNIDADE LGBTQ+: O QUE TEM A VER?	12
1.1. Geografia e Música	12
1.2. Identidade Cultural	15
1.2.1. A Identidade LGBTQ+	15
1.3. A Resistência LGBTQ+	17
1.4. A Representatividade LGBTQ+	18
1.5. Território e Identidade LGBTQ+	19
1.6. Geografia da música e comunidade LGBTQ+: o que tem a ver?	21
CAPÍTULO 2 – A METODOLOGIA: OS CAMINHOS DA PESQUISA	22
2.1. Os objetivos	22
2.2. O Município de Viçosa	23
2.3. A seleção dos artistas	25
2.4. A amostragem	26
2.5. As entrevistas	27
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES: ONDE A PESQUISA CHEGOU ...	29
3.1. Resultados obtidos	29
3.2. Discussões	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45

INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa se justifica, dentre diversas motivações, pela minha própria experiência de vida. Motivado pela visão de que as músicas produzidas hoje trazem a público muito da realidade vivida pelas minorias sociais, quis unir tudo isso em um material que fosse capaz de trazer esse reconhecimento de forma acadêmica. Durante todo o percurso até chegar ao tema tratado, fui orientado, e concluí que deveria fazer recortes mais específicos sobre o que queria trabalhar. Foi a partir daí, e em um caminho que durou cerca de seis meses, que se chegou ao recorte da representatividade LGBTQ+ na música *pop* nacional, percebido pela comunidade representada, residente em Viçosa.

Historicamente, a comunidade LGBTQ+¹ vem sendo condicionada a reafirmar sua identidade cultural, a resistir à opressões e dominações, e garantir direitos civis se entendendo enquanto minoria social. Houve um percurso longo e intenso até os dias atuais. Muitas das pautas continuam as mesmas, mas há de se reconhecer o quanto já foi conquistado e o quanto a luta já caminhou.

Há cinquenta anos atrás, não se assistia a um cenário como o atual. Sabia-se de artistas LGBTQ+ que tinham grande visibilidade, porém, isso se construía porque na maioria dos casos, eles mantinham suas vidas afetivas de forma estritamente pessoal, e não reproduziam estereótipos em público. A comunidade tinha muito menos segurança em ocupar espaços públicos, até mesmo sem manifestar formas de afeto. Não era comum ver casais LGBTQ+ de mãos dadas nas ruas, salvo quando havia algum movimento maior, mas mesmo assim, era de uma forma um tanto reclusa. Para a época, haviam-se conquistas que devem ser reconhecidas, como todas que existem também hoje. Mas é extremamente visível a diferença da atualidade com o passado.

No Brasil, a música acaba tendo um forte vínculo com a realidade social. Cada vez mais, é possível ouvir músicas que falam sobre o que acontece nas periferias, sobre os abusos sofridos pelos negros, pelas mulheres, pelos pobres, pela comunidade LGBTQ+ e por todo tipo de minoria social.

Na atualidade, encontram-se artistas que representam essas minorias, e no caso da comunidade LGBTQ+, é comum encontrar músicos(as) que trazem canções que falam

¹O termo LGBTQ+ é a sigla que se refere à comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos. A sigla se apresenta mundialmente com a letra Q de *queers*, também Intersexos. No Brasil, a comunidade, assim como a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), aceita o termo como aqui apresentado, no entanto, também são encontradas menções em outros formatos como: LGBTI+, LGBT+ ou LGBT. O significado permanece o mesmo em todas as siglas.

diretamente sobre as questões que abordam o grupo como parte da sociedade, ou mesmo que se comparem à letras e melodias que estão em alta. Por meio de um apanhado geral, é possível perceber que a comunidade reconhece como representativos ambos os casos. O importante, muitas vezes, é saber que existem artistas que fogem aos padrões heteronormativos, cantando em espaços considerados tradicionais e que chegaram a ser judicialmente proibidos para lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e intersexos.

Considerando que para ser um ícone, é necessário usar de sua visibilidade para representar determinado grupo, é possível tratar os artistas como ícones? É o que se objetiva entender com a pesquisa, ao analisar a forma como acontece o reconhecimento da representatividade LGBTQ+ através da música *pop* nacional.

Instituições como a Universidade Federal de Viçosa pregam seu apoio à diversidade em todas as suas formas, no entanto, por vezes encontram-se manifestações LGBTfóbicas adentrando os espaços coletivos da universidade. Trabalhos com a temática LGBTQ+, que buscam se unir para que exista mais material na área, são capazes de chamar a atenção para a realidade da comunidade, apelando para os meios científicos.

Essa monografia está estruturada em três capítulos. O primeiro, faz um resgate teórico de todas as categorias de análise da pesquisa, conceituando as principais ferramentas a serem utilizadas para chegar ao produto final. No segundo capítulo, é disposta toda a metodologia utilizada. O progresso da pesquisa, os objetivos concluídos, os momentos que não conseguiram atingir o que foi traçado inicialmente, e tudo que foi produzido além do que se imaginava no início da pesquisa. Por último, no capítulo de número três, serão apresentados finalmente os resultados, primeiro de forma bruta e direta, dando introdução às discussões feitas, que cruzarão tudo que compõe a pesquisa como um todo.

CAPÍTULO 1 – GEOGRAFIA DA MÚSICA E COMUNIDADE LGBTQ+: O QUE TEM A VER?

Para a discussão em que esta monografia se baseia, faz-se necessária a conceituação das categorias de análise, a ser realizada no decorrer deste capítulo. Serão aqui expressos conceitos como território, identidade, resistência, representatividade social e gênero, que se desmembrarão em subtemas. O capítulo é construído se pautando em uma bibliografia selecionada e revisada pelo autor e pelo orientador da pesquisa.

1.1. Geografia e Música

Sendo a Geografia da Música o ponto de partida para a escolha do tema da pesquisa, será aqui feita uma breve contextualização histórica dessa vertente tão importante da Geografia.

Segundo Panitz (2012), a Música começou a ser introduzida como objeto de estudo da Geografia Moderna por intermédio de Leo Frobenius, etnólogo e arqueólogo da África, que se sentiu inspirado pelos estudos de Friedrich Ratzel sobre as regionalizações da África Ocidental e Melanésia. Unindo-se a outros etnólogos, Frobenius criou o que ficou conhecido por “Círculos Culturais”, que eram definidos pelos padrões entre os instrumentos musicais utilizados em cada região (PANITZ, 2012).

Na América do Norte, Nash & Carney (1996) atribuem o surgimento da Geografia da Música a determinados etnomusicologistas e folcloristas que buscaram a regionalização por instrumentos musicais no mundo anglófono². É aqui o primeiro momento onde a Geografia da Música é assumida como um subcampo da Geografia Cultural, que se desenvolveu nos Estados Unidos da América (EUA) e no Canadá sob intermédio de Carl Sauer.

Nash & Carney (1996) apontam que durante a década de 1990, houve uma explosão no número de trabalhos e publicações sobre a Geografia da Música partindo dos(as) pesquisadores(as) norte-americanos(as), sobretudo em razão da Conferência *The Place of Music*³, que contribuiu para que atualmente os EUA e o Canadá sejam o centro mundial de onde partem os trabalhos na área da Geografia da Música, além de revolucionar a forma como a(o) geógrafo(a) exerce seu papel na área, como é demonstrado por Leyshon et al. (1998):

o trabalho geográfico sobre música teve até pouco recentemente uma tendência de restringir-se ao mapeamento de difusão de estilos musicais, ou analisar o imagético geográfico nas letras de canções, trabalhando com um restrito deliberado senso de geografia, oferecendo o ângulo de um geógrafo

² Entende-se por mundo anglófono os países ou localidades que possuem o inglês como idioma principal ou dominante.

³ O Lugar da Música (tradução livre)

fincado ao chão, ao invés de se perguntar o quanto uma abordagem geográfica pode reconfigurar o próprio chão que pisa. (LEYSHON et al. 1998, p.4)

Nos primeiros vinte anos do século XX a Geografia da Música aparece pela primeira vez enquanto disciplina. E é na França que isso acontece. Georges de Gironcourt (1927) explica que foi nesse momento que a Geografia da Música Francesa adquiriu a particularidade de estudar como as formas musicais se comportam no tempo e no espaço, estendendo esses estudos sobre as análises de fixação e mobilidade das civilizações e sociedades. Até os dias atuais, permanece com bastante expressão a ligação entre música e território nos estudos da Geografia da Música Francesa.

No Brasil atual, há um maior consenso de que a massa de trabalhos acerca da Geografia da Música parte de São Paulo. Isso se deve, muito provavelmente, ao fato de ser no Sudeste, e principalmente no estado de São Paulo que se concentram as atividades capitalistas nacionais. Sendo a música apropriada enquanto produto no sistema capitalista, faz muito sentido que os estudos das Ciências Humanas, sobretudo as que contam com viés econômico, que se debrucem sobre a Música, admitam São Paulo como o principal ponto de partida do material científico produzido a partir da Geografia da Música nacional.

Segundo Rumi (2014), o momento em que se dá de fato a entrada da Geografia da Música em contexto brasileiro é o referente à Semana de Arte Moderna de 1922, quando o papel social das artes é repensado e reconstruído. Sobre a música, é quando se insere no cenário dos(as) compositores(as) e demais artistas da música, o estilo musical denominado *orphéon*⁴, sobretudo através do músico erudito, compositor e maestro Heitor Villa-Lobos (RUMI, 2014).

Um segundo momento mencionado pela autora é quando acontece a inserção da Música enquanto disciplina nos três anos iniciais do ensino fundamental, como estratégia socializadora do Governo Vargas. A Villa-Lobos foi atribuída a responsabilidade de compor as músicas que pudessem socializar não apenas através do ensino, mas também de apresentações culturais, autorizadas pelo governo (RUMI, 2014). Com isso, o compositor atinge o ponto de criar nas músicas um perfil brasileiro inspirado na realidade das principais cidades do período em questão. Descrevendo suas composições, Villa-Lobos diz:

Sim, sou brasileiro e bem brasileiro. Na minha música eu deixo cantar os rios e os mares deste grande Brasil. Eu não ponho mordaca na exuberância tropical de nossas florestas e dos nossos céus, que eu transponho

⁴ Se compara a um canto em coral que tem como finalidade uma prática pedagógica-escolar e moral. Tem o nome inspirado no Deus Orfeu da mitologia grega, que causava emoção em quem o ouvisse cantar.

instintivamente para tudo que escrevo. (sítio eletrônico do museu Villa-Lobos, acesso em outubro de 2018).

Sendo esse perfil brasileiro inspirado nas principais cidades, Villa-Lobos constrói um perfil urbano nacional, pensando sobretudo nos grandes centros urbanos e sua realidade da época. Através das músicas, é possível perceber o quanto as estratégias socializadoras do Governo Vargas, buscavam destacar o amor à pátria, e como a música foi capaz de contribuir com essa realidade, valorizando o que era presente no meio urbano.

O terceiro momento citado por Rumi (2014) é o do Golpe Militar de 1964, onde tendo a música seu caráter socializador moldado durante o Governo Vargas, passa a ser um forte canal de manifestação dos movimentos sociais. O primeiro ato é a inserção de correntes do *Rock n' Roll* na cultura brasileira, como confronto aos(às) artistas e ao público mais conservador, que enxergavam o estilo musical unicamente particular à música norte-americana (RUMI, 2014). Tendo o amor à pátria sido reforçado no período anterior, não fazia sentido aderir a estilos musicais estrangeiros, pois esse não era um caminho de valorização da cultura nacional.

É então durante o Regime da Ditadura Militar que emerge o Movimento Tropicalista⁵ (1967-1969) quando a música passa a ser um meio de disseminação das reclamações sociais, dando voz aos grupos oprimidos, denunciando questões políticas e econômicas do país e dando espaço às discussões sobre as revoluções comportamentais e sociais, como expressa Rumi (2014):

A conscientização do povo brasileiro de sua própria realidade, era cantada, canalizada através das manifestações artísticas e nesse caso a música sendo utilizada como canal de discussão dos problemas sociais da época. (RUMI, 2014, p.82)

Desde então, a Geografia da Música Brasileira traz consigo a particularidade de entender o comportamento das sociedades através de suas manifestações musicais, da maneira como utiliza-se a música como o seu canal de reclamações sociais. Realizando um apanhado histórico, é possível perceber o quanto a sociedade se apoiou na música para engajar os movimentos sociais. Muito aprendeu-se a explorar melodias conhecidas, até mesmo durante passeatas, onde músicas são parodiadas, ou até ressignificadas, a fim de levar a público de forma mais expressiva, quais são as reivindicações, os desejos e anseios do grupo social que toma frente de cada movimento.

⁵ O Movimento Tropicalista também ficou conhecido por Tropicália ou Tropicalismo.

1.2. Identidade Cultural

Dos movimentos sociais presentes no cenário brasileiro da atualidade, podem-se citar vários, observando as fortes influências advindas do Movimento Tropicalista, e de toda emergência dos movimentos sociais dos anos 60, sobretudo. Alguns exemplos se fundam no combate ao patriarcado e à dominação masculina, como é o caso do Movimento Feminista e do Movimento LGBTQ+, tratado nessa pesquisa.

Combater os tipos de opressão, dentre inúmeras questões, é (re)afirmar uma identidade cultural. Castells (2008) define a Identidade Cultural como algo que se constitui por tradições, comportamentos, crenças, preferências e culturas compartilhadas entre um ou mais grupos sociais. O autor ainda conceitua três tipos de identidade cultural: i) identidade legitimadora, a qual buscará expandir e legitimar sua dominação sobre indivíduos e grupos sociais; ii) identidade de resistência, onde os indivíduos e grupos dominados e oprimidos, desvalorizados e/ou estigmatizados apresentarão resistência aos dominantes e opressores; iii) identidade de projeto, que se inspirará em materiais culturais, buscando criar uma nova identidade para mudar sua posição dentro do contexto social. Sabendo isso, é possível entender o que o autor quer dizer ao afirmar que uma identidade de resistência pode se tornar uma identidade de projeto e posteriormente uma identidade legitimadora (CASTELLS, 2008).

Antes de encerrar a discussão sobre identidade cultural, é importante tratar o que Hall (2014) chama por “crise de identidade”, um processo de mudança ampla, onde muitos dos padrões de normatividade identitária são quebrados, ocorrendo o deslocamento e a descentração do homem e da mulher de seu próprio lugar no âmbito social, cultural e pessoal. Nas palavras do autor, “isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Hall, 2014, p.10).

À luz de uma análise predominantemente conservadora, tem-se essa crise como algo negativo e prejudicial à sociedade. No entanto, a ascensão e o reconhecimento da comunidade LGBTQ+ – conquistados através de resistência e luta diárias – só são possíveis em razão dessa crise, que aqui chamaremos de desconstrução dos paradigmas heteronormativos. É como se essa crise fosse motivada pela quebra de padrões, que abrem espaço para a diversidade existente numa sociedade composta por tantos costumes diferentes.

1.2.1. A Identidade LGBTQ+

A homossexualidade, atração entre pessoas de mesmo sexo biológico, é historicamente apontada como aquela que vai contra a única sexualidade correta perante o patriarcado – a

heterossexualidade, atração entre pessoas de sexos biológicos opostos (CASTELLS, 2008). Rezende (2016) aponta a divisão sexual do trabalho como primeiro fundamento histórico desse cenário. No que se conceituou por família, distinguiu-se o papel do homem do papel da mulher, fazendo-se necessário seguir o modelo familiar monogâmico patriarcal, onde a dominação masculina era fortemente justificada (REZENDE, 2016).

Une-se a isso o machismo, que entrega ao sexo masculino a superioridade em relação ao sexo feminino e tudo que se julga semelhante a ele. É aqui que se faz presente a homofobia, conceituada por Junqueira (2012) como um neologismo criado “para definir sentimentos negativos em relação a homossexuais e às homossexualidades” (JUNQUEIRA, 2012, p.3).

Rezende (2016) relembra os estudos de Foucault sobre a sexualidade, que demonstravam que aqueles ou aquelas que fugissem da heterossexualidade – ou, nos termos da atualidade, da heteronormatividade – eram abalizados como “Os Anormais”. É aqui que entra a medicina, que atribui à homossexualidade o sentido de patologia pela psiquiatria, que se conectando à religião, instaura a revelação obrigatória da sexualidade, para que “os Anormais” pudessem ser submetidos a um tratamento psiquiátrico e sofressem algum tipo de penitência, tendo como fim a remissão diante da religião. Mais tarde, a discussão é introduzida na esfera civil e a homossexualidade é criminalizada.

De acordo com a filósofa Marilena Chauí (1984) existia na Grécia e Roma antigas, a ideia de crime da homossexualidade apenas para aqueles que assumissem o papel de passivo nas relações sexuais, levando o estigma de imoral e indigno, considerando que essa posição deveria ser ocupada apenas pelas mulheres e pelos jovens escravos. Por outro lado, ainda segundo a filósofa, aquele que assumisse o papel de ativo nas relações e na política, era o Homem Livre (CHAUÍ, 1984).

Pelo contexto histórico, que durou de forma imbatível até o século XX, pode-se afirmar que a homossexualidade está explicitamente ligada à identidade de resistência, considerando que desde sempre foi – e ainda é – forçada a resistir a todo esse cenário de perseguição, opressão e até marginalização. É inegável a quantidade de avanços que se teve até a atualidade, porém, ainda há muito que se conquistar, e de forma a não desconsiderar todos os passos que já foram dados, se fará a discussão no próximo tópico deste capítulo, que abordará a resistência desse grupo social.

Porém, é necessária uma explicação do uso dos conceitos, antes de avançar o caminho. Apesar de a bibliografia se referir prioritariamente à comunidade homossexual, as conquistas, a luta e a resistência pertencem à toda a comunidade LGBTQ+, uma vez que as bandeiras são

levantadas de forma coletiva por todo o grupo. E além disso, entende-se através do que foi publicado por Assis e Facchini (2009), que até o século XIX, apenas a noção de homossexualidade estava sendo construída. As demais orientações sexuais, identidades de gênero e toda diversidade sexual conhecida hoje, foram sendo expressas no decorrer da história, e só recentemente começaram a ser reconhecidas cientificamente.

1.3.A Resistência LGBTQ+

Ainda no século XXI, nota-se a perseguição às homossexualidades se justificando em termos e teorias médicas, mesmo diante da retirada da homossexualidade do Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (APA), no ano de 1973, e com a exclusão da mesma – que até então era mencionada como “homossexualismo”, onde o sufixo “ismo” denota patologia – do Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS) no dia vinte e oito de junho de 1990 (JUNQUEIRA, 2012). No Brasil, desde 1985, o Conselho Federal de Medicina, e mais adiante o Conselho Federal de Psicologia, em 1999, desconsideraram a homossexualidade como distúrbio mental ou perversão (JUNQUEIRA, 2012).

Aliás, o acontecimento com a OMS foi um marco de extrema importância para a comunidade LGBTQ+, como uma de suas maiores conquistas, a nível mundial. É devido a isso que na atualidade o termo “homossexualismo” se torna inaceitável para a comunidade, assim como a utilização do sufixo “ismo” para se referir a qualquer orientação sexual – por quem o indivíduo se sente atraído – ou identidade de gênero – como o indivíduo se identifica sexualmente. É também em razão da data que o dia vinte e oito de junho foi escolhido como o Dia Internacional do Orgulho LGBTQ+.

Uma forma extremamente expressiva da resistência LGBTQ+, se coloca hoje no cenário da música *pop* brasileira. Souza (2009) apresenta como a comunidade, com maior participação dos homossexuais e *drag queens*, tem conquistado cada vez mais espaço nos meios da mídia de massa, marcando presença desde o cinema, passando pelas telenovelas, propagandas comerciais e campanhas publicitárias, chegando ao meio musical. Sem sombra de dúvidas, essa situação se monta como um conjunto de grandes passos em favor da luta contra a LGBTfobia. Recordando do poder da música de denunciar os problemas sociais, o caminho para maiores avanços se torna mais aberto e esperançoso.

Por inúmeras vezes, o movimento LGBTQ+ reivindicou seus direitos, e algumas conquistas se destacam, como por exemplo, numa escala nacional, o direito ao casamento civil, mesmo pela conversão de união estável em casamento, garantido pela Resolução nº 175

de quatorze de maio de 2013. Outro momento de suma importância foi o que deu origem ao “Programa Brasil sem Homofobia”, que surgiu em 2004 por meio de uma articulação entre o movimento LGBTQ+ e o Governo Federal. Desse programa, emerge a Frente Parlamentar pela Cidadania LGBT, acrescida e fortalecida pela luta em favor da criminalização da LGBTfobia (REZENDE, 2016).

Referente ao ano de 2019, tem-se um dos maiores passos já dados em território nacional: a criminalização da LGBTfobia. Desde 2001, a comunidade, através dos parlamentares eleitos, exige este feito fundamentando-se no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, que diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, (...)” (BRASIL, 1988). Pela primeira vez, o Supremo Tribunal Federal (STF) vota em sua maioria em favor da criminalização, até que no dia 13 de junho de 2019, a LGBTfobia, ou seja, a discriminação contra orientação sexual e identidade de gênero, finalmente é criminalizada. Até que haja uma norma específica, o crime de ódio contra qualquer membro da comunidade LGBTQ+, passa a ser enquadrado pela Lei de Racismo, a Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989.

1.4. A Representatividade LGBTQ+

Um outro conceito importante a ser trabalhado é o de Representatividade Social. De acordo com Bobbio (1998) a Representatividade Social está relacionada à imagem de um indivíduo que carrega em si a representação política que defende os interesses de um grupo, de uma classe, ou de uma nação. Essa representatividade é concretizada por meio da ação, adesão e participação dos indivíduos representados, e para que ela exista de fato, é necessário que o indivíduo representante ocupe espaços que oprimiram, ou contribuíram de forma mesmo que indireta à opressão do grupo que se representa (BOBBIO, 1998).

Sobre a comunidade LGBTQ+, a representatividade se trata de ver e viver a conquista de espaços que historicamente foram pontos de opressão e repúdio contra as sexualidades que fugiam à heteronormatividade. Se trata de ter figuras LGBTQ+ no meio político, na mídia, em locais de grande visibilidade, como forma de resistência e ascensão dessa comunidade.

Inúmeras figuras levam a causa da comunidade a esses meios na atualidade. No meio midiático, tem-se grandes nomes, como a *drag queen* Pabllo Vittar, que hoje tem suas músicas em novelas, filmes, séries e propagandas pelo Brasil e pelo mundo. A realidade atual é a de artistas como ela participando de programas que são considerados clássicos da televisão aberta brasileira, e ganhando um espaço de referência na luta e reconhecimento das bandeiras

e causas. Obviamente, essa representatividade só existe porque a comunidade LGBTQ+ reconhece, aceita e participa dela. A representatividade carregada em cada artista, reafirma o quanto pode estar próxima a transformação da identidade de resistência em identidade de projeto.

1.5. Território e Identidade LGBTQ+

Para fins de completude da temática desta pesquisa, a discussão entre território e gênero mais adequada é a que insere a questão da identidade LGBTQ+. Há bibliografias que demonstram como se dá a apropriação territorial deste grupo. Rezende (2016) apresenta a dicotomia entre o mundo público e a vida privada, fundamentando-se nas formas como a comunidade LGBTQ+ se comporta, ocupa e se apropria desses espaços.

O autor demonstra historicamente como a homossexualidade foi marginalizada e sofreu por querer conquistar sua presença em espaços públicos. Analisando a obra “Homofobia Para Além das Aparências”, entende-se que é aceitável aparentar ser gay em todos os espaços, desde que não se manifeste nenhuma atitude afetiva, sob o risco de sofrer agressões físicas e verbais, tendo seu comportamento julgado como anormal, incorreto e não natural (REZENDE, 2016)

Rezende (2016) traz a ideia de contradição entre a equidade de direitos, inclusive de permanecer nos espaços públicos, que é duramente buscada pelo movimento LGBTQ+, e o que é vivido pelos membros da comunidade, que acabam aceitando que as demonstrações de afeto devem necessariamente se restringir aos espaços privados. Essa espécie de confinamento contribui com o aumento da vulnerabilidade dos indivíduos LGBTQ+, aumentando o que Rezende (2016) chama de internalização da homofobia e dos valores heteronormativos. É o que se percebe quando indivíduos não heterossexuais acham justificável serem repreendidos ao demonstrar afeto fora do âmbito privado. O autor realiza entrevistas, e através delas explica como essa segregação reflete no cotidiano dessas pessoas:

Não foi incomum captar [...] indícios que revelaram a convicção de que existe um lugar destinado aos homossexuais, seja se comportando diante das regras, seja se enquadrando aos padrões estabelecidos, seja escondendo a sexualidade para ser aceito e respeitado: lugares físicos e simbólicos. (REZENDE, 2016, p. 148)

De forma mais preocupante, Rezende (2016) declara como o preconceito acaba sendo tratado dentro dessa realidade: “O preconceito está tão naturalizado que o jovem trata como

algo secundário e corriqueiro, como se fosse algo com o que não precisássemos nos importar.” (REZENDE, 2016, p.154).

Esse posicionamento, gerado por todo esse processo, cria um contexto onde demonstrações de afeto, ou até mesmo a presença de pessoas LGBTQ+ em espaços públicos, são tidas como uma espécie de afronte à comunidade heterossexual, e por isso é justificável uma reação, tantas vezes violenta. É o momento em que se culpabiliza a comunidade pelas formas de agressão, as quais tendem sempre à ridicularização da pessoa LGBTQ+, como se ela tivesse que ser castigada, merecendo uma correção à sua sexualidade dita desviante (REZENDE, 2016).

É como se a pessoa LGBTQ+ fosse condicionada a exercer sua sexualidade apenas dentro de sua casa. Em espaços de convívio público, manifestações de afeto são proibidas, sob pena de violação da própria segurança. Mesmo nos espaços em que o aparentar ser gay é permitido, deve-se ter um extremo cuidado com a forma de agir, falar, e até andar, pois, na visão que justifica os atos de preconceito, isso seria confrontar a comunidade heterossexual. É comum ouvir frases como: “Ser gay tudo bem, mas ficar se agarrando em público é uma falta de vergonha e de respeito!”, quando um casal LGBTQ+ está simplesmente andando de mãos dadas na rua.

Na maioria das vezes, a internalização desses sentimentos acaba se dando pelo medo. Não se sabe o que pode vir após frases desse tipo. Elas podem parar na fala, que já se configura como um ataque verbal, mas algumas vezes podem extrapolar, chegando a ocasionar agressões físicas, agravando a situação.

Mesmo com tudo isso, ainda se consegue perceber hoje, a apropriação do território público de forma coletiva. Por exemplo em manifestações, paradas do orgulho LGBTQ+ e passeatas em favor da comunidade, acontecem celebrações e demonstrações de afeto em público de uma maneira bem explícita, mas é importante considerar que isso ocorre em momentos pontuais, e não o ano todo, mas ainda assim, é animador ao se pensar na conquista territorial por parte da comunidade.

Levando em conta o que aqui foi discutido, pensa-se novamente na apropriação do espaço pela comunidade LGBTQ+, e conclui-se que ela não existe de forma amistosa quando se refere aos espaços públicos. Por um lado, enxerga-se grande resistência, sobretudo com o advento dos movimentos sociais nos anos 1960, e através de eventos como as paradas do orgulho LGBT que acontecem pelo Brasil e por tantos outros países. De fato, é um cenário

animador para todos os passos que ainda precisam ser dados, mas ainda há um outro lado, que dificulta essa apropriação, pautando em teorias conservadoras.

Levando em conta a noção de espaço público como um ambiente que naturalmente pode e deve ser ocupado por todos e todas, há ainda o que se transformar em termos da apropriação por parte da comunidade LGBTQ+, tanto pelo combate direto à LGBTfobia, quanto pela derrubada da internalização da mesma. Mas para que esse cenário se mantenha e continue se perpetuando, é preciso reconhecer também todo o caminho percorrido até então.

1.6. Geografia da música e comunidade LGBTQ+: o que tem a ver?

Após toda essa discussão, busca-se aqui demonstrar a relação entre a Geografia da Música Brasileira e a comunidade LGBTQ+. Como foi dito, no Brasil a Geografia da Música traz consigo fortemente a visão socioespacial da sociedade. Isso inclui a forma como as sociedades reivindicam seus direitos e seus desejos de mudança.

A comunidade LGBTQ+ constantemente é levada a exigir seus direitos, e por vezes precisou denunciar a realidade LGBTfóbica de alguma forma. Através de artistas que cantam essa realidade, percebe-se que ainda é presente no país essa perspectiva da música enquanto canal de reclamação da realidade social.

Conforme foi dito por Souza (2009), artistas LGBTQ+ estão ganhando visibilidade no âmbito musical para exercer esse papel, e acabam abrindo portas para projetos de cantores(as) que têm menor espaço, e de forma conjunta, abrindo o caminho para que os membros da comunidade LGBTQ+ tenham mais meios para atuar nos meios públicos, na mídia, na política, e até em âmbitos profissionais que não trarão visibilidade e reconhecimento a nível nacional. Se trata da abertura de portas que contribuem para a igualdade de direitos civis tão almejada pelo movimento.

Tendo a Geografia suporte em autores que tratam a identidade cultural, e a Música se aliando fortemente à cultura, faz todo sentido unir todos os conceitos discutidos neste capítulo, almejando fundamentar a teoria da pesquisa.

CAPÍTULO 2 – A METODOLOGIA: OS CAMINHOS DA PESQUISA

A metodologia se dividiu em momentos que buscaram concretizar os objetivos específicos, que serão citados no decorrer deste capítulo. Em conjunto, buscaram alcançar o objetivo geral, para responder ao problema de pesquisa: “Como compreender a formação da identidade LGBTQ+ viçosense à luz da representatividade musical do grupo, no cenário *pop* nacional?”.

A pesquisa se inspirou no que Tripp (2005) define como a forma de pesquisa dotada da capacidade de alterar os objetos e sujeitos pesquisados, pautando-se principalmente ao contexto e à ética correspondentes à realidade pesquisada. É importante destacar que a alteração da realidade mencionada não busca apresentar uma reformulação dos sujeitos pesquisados, mas alcançar os pontos que motivaram o surgimento do tema, apresentados na introdução deste trabalho.

2.1. Os objetivos

O objetivo geral, que se constituiu em representar se e como acontece a consagração dos artistas musicais LGBTQ+ do *pop* nacional dos últimos cinco anos (2014 a 2019) sobre a identidade LGBTQ+ da cidade de Viçosa, se subdividiu em cinco objetivos específicos, que funcionaram como passos para guiar este trabalho.

Os objetivos específicos:

- i) Identificar os artistas e as artistas de maior visibilidade envolvidos e envolvidas na música LGBTQ+;
- ii) Distinguir quais artistas são parte da comunidade LGBTQ+ e quais produzem músicas que aderem à causa como luta social;
- iii) Analisar como se dá o consumo das músicas desses artistas no município de Viçosa;
- iv) Delimitar o público de que se quer conhecer a receptividade às músicas – se são apenas os que pertencem à comunidade LGBTQ+ e se identificam com ela, ou também aqueles(as) que não compõem o grupo;
- v) Identificar se a comunidade LGBTQ+ da cidade apresenta algum tipo de reação ao que é produzido musicalmente e como isso acontece.

Neste capítulo, serão dispostas as ferramentas utilizadas e os procedimentos realizados para conclusão de cada objetivo específico. Alguns deles, acabaram por ser realizados concomitantemente, como o *i* e o *ii*.

2.2.O Município de Viçosa

Para apresentar os passos desta pesquisa, primeiro se faz necessário expor os recortes referentes ao objeto deste trabalho, que compõe parte da comunidade LGBTQ+ de Viçosa, um município localizado na Mesorregião da Zona da Mata Mineira, a cerca de 230 quilômetros de Belo Horizonte, capital administrativa de Minas Gerais.

Fundada há 148 anos, Viçosa conta desde 1922 com uma renomada instituição federal de ensino, pesquisa e extensão: a Universidade Federal de Viçosa, ou simplesmente UFV. A cidade se destaca pela forte presença universitária, que contribui grandemente ao setor econômico, sobretudo ao imobiliário.

Em função do recebimento de estudantes e servidores das mais variadas regiões do país, a cultura viçosense acaba sendo incrementada de muitas formas. É certo que quem chega ao município traz seus costumes, sua cultura própria, e com a vivência local aprende novos hábitos, práticas e comportamentos.

Outro aspecto sobre a localização de Viçosa é importante ser destacado. Está localizada no estado de Minas Gerais, na Macrorregião do Sudeste, instaurada pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Parte componente da chamada Região Concentrada (SANTOS; SILVEIRA, 2006), vive uma realidade de circulação constante das atividades capitalistas, onde se incluem, dentre inúmeros setores, a produção, distribuição e consumo da indústria fonográfica. Aqui será discutido como esse ponto se faz relevante, e se é capaz de exercer qualquer tipo de influência sobre os resultados da pesquisa. É devido a isso que se faz necessária a conclusão do objetivo *iii*.

O mapa de localização⁶ foi confeccionado pelo autor, no ArcMap, uma ferramenta do *software* ArcGis 10.3, que trabalha como uma plataforma SIG – Sistema de Informações Geográficas. As *shapefiles* foram coletadas no site do IBGE, e geoprocessadas no programa mencionado. Foi necessário fazer o recorte do estado de Minas Gerais, da Zona da Mata e do município de Viçosa, por meio da ferramenta chamada *Clip*, onde são selecionadas as feições que se deseja trabalhar, para recortá-las individualmente.

Posteriormente, realiza-se a sobreposição das feições menores às maiores, para então confeccionar o mapa, criando o *Grid* – onde contém as coordenadas geográficas –, escolhendo as cores e símbolos da legenda, fixando a escala, inserindo título, rosa dos ventos e informações essenciais à autoria e fontes do mapa. Essa parte referente à confecção é realizada na aba do *layout* de impressão.

⁶ Figura 1

Mapa de Localização do Município de Viçosa MG

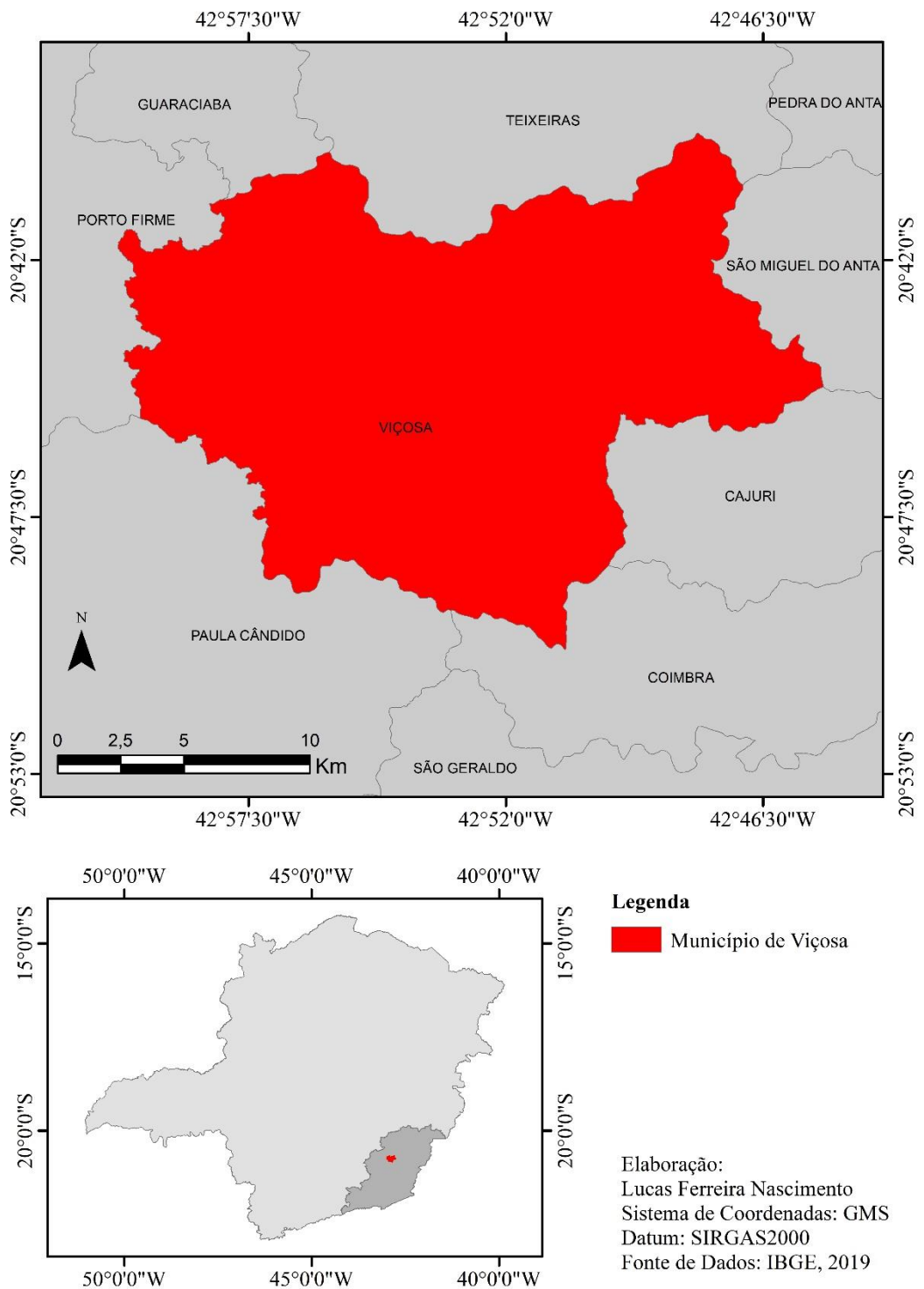


FIGURA 1 – Mapa de Localização do Município de Viçosa

Fonte Própria, 2019.

2.3.A seleção dos artistas

O passo a ser dado nesse momento, seria selecionar os artistas a serem trabalhados na pesquisa, cruzando os dados encontrados na ferramenta *Musical Map Of The World*, responsável por mapear as músicas e artistas mais ouvidos nas plataformas *streaming*, escalando em país, estado e principais cidades, com os critérios utilizados pela *Recording Academy* para definir quando o artista tem grande visibilidade. No entanto, foi observado que no caso de Viçosa, há um *ranking* com a presença apenas de artistas fora do meio LGBTQ+.

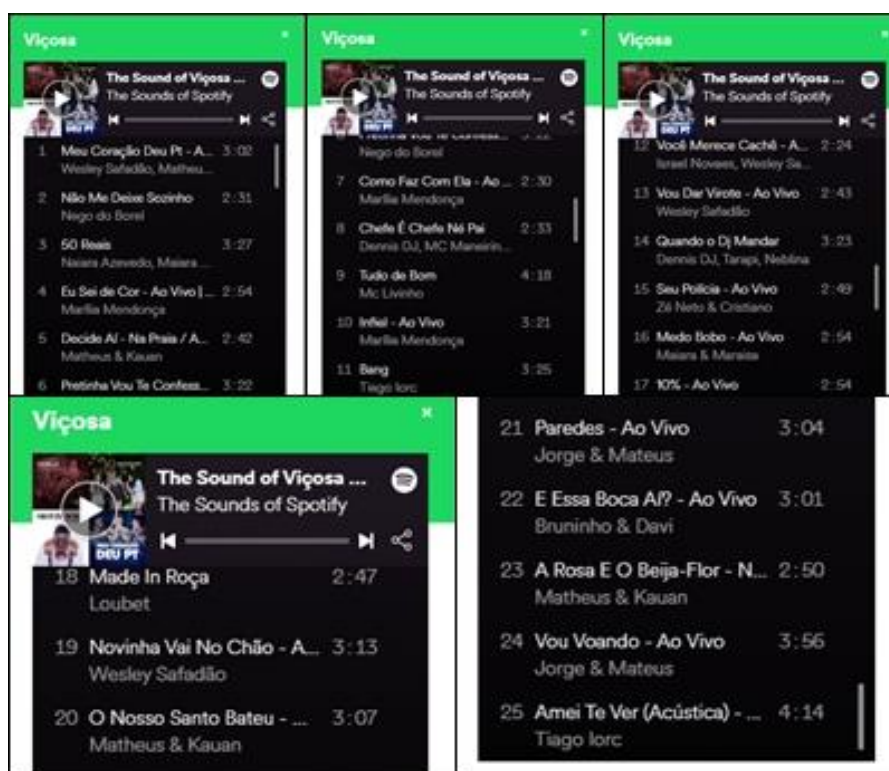


FIGURA 2 – *Ranking* de artistas mais ouvidos(as) no município de Viçosa em agosto de 2019. Fonte: Musical Map Of The World, 2019.

De início, encarou-se isso como uma dificuldade na pesquisa, levando em consideração que nenhum dos artistas faz parte da comunidade LGBTQ+, e apesar de haver alguns que defendem a causa, o interesse da pesquisa se funda na representatividade através dos artistas que de fato compõem a comunidade. No capítulo seguinte haverá uma discussão mais aprofundada sobre esse momento.

Como dito anteriormente, buscou-se cruzar os dados com os critérios definidos pela *Recording Academy*. Porém, como disponibilizado pela Redação Mundo Estranho (2019) em sua página *online*, a atuação da *Recording Academy* se faz hoje com exclusividade sobre a seleção de artistas, projetos e trabalhos concorrentes ao *Grammy Awards*, a maior premiação

da indústria fonográfica, a nível mundial. A matéria explica ainda que os próprios artistas e suas gravadoras possuem autonomia para submeter seus trabalhos à comissão responsável pelas indicações. Essa comissão, composta por 150 profissionais antecede a votação *online*, onde cerca de 12 mil profissionais do mercado da música escolhem os vencedores (REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO, 2019).

Com isso, passa-se a admitir que os artistas a serem tratados na pesquisa são os que aparecerem nas entrevistas, passo que será dado após delimitar o público a compor a amostra entrevistada.

2.4.A amostragem

Como a pesquisa tem como foco a comunidade LGBTQ+, foi admitido que para ser entrevistada, a pessoa deveria fazer de fato parte deste grupo. Não teria fundamento entrevistar pessoas de fora da comunidade, levando em conta que elas não são diretamente afetadas pelas formas de representatividade, e que seu interesse sobre elas se faz pela compreensão da importância da luta social travada pelo grupo em questão, logo, não seria possível chegar aos resultados buscados pela pesquisa, caso a amostra contasse com pessoas heterossexuais.

Não há como estabelecer uma porcentagem específica da comunidade LGBTQ+ a ser entrevistada, considerando que não se sabe ao certo o tamanho da população, já que esse dado depende de informações pessoais que revelariam a sexualidade dos indivíduos.

A partir disso, e do que se busca com a pesquisa, admite-se uma amostra de dez pessoas para contribuir com entrevistas semi-estruturadas, a serem demonstradas no tópico seguinte.

Foi levado em consideração que entre as dez pessoas, deveriam haver lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos. Para os últimos, houve a presença de pansexuais, que se relacionam com pessoas independentemente do gênero ou orientação sexual. Todos os entrevistados deveriam estabelecer residência em Viçosa, levando em consideração que este trabalho busca uma representação da realidade viçosense.

A população amostral está inserida na faixa etária de 20 a 25 anos, e é composta por pessoas residentes em Viçosa, estudantes do ensino superior em cursos variados.

Este ponto da pesquisa foi essencial à apropriação do autor ao tema pesquisado. Foi realizada uma intensa pesquisa sobre as sexualidades, a fim de unir a maior quantidade de informações possíveis, conhecendo todas as formas, ou a maioria delas, de sexualidades não heteronormativas.

2.5.As entrevistas

De forma semi-estruturada, as entrevistas foram feitas durante o mês de setembro de 2019, com dez pessoas em dias e horários definidos de acordo com a compatibilidade de horários entre entrevistador e entrevistado(a), e seguindo a lógica de que as entrevistas não ocorressem em horários próximos, para evitar que os entrevistados e entrevistadas soubessem a identidade uns dos outros.

Todas as entrevistas são anônimas, e identificadas com a letra L seguida por um algarismo de 1 a 10 – L1, L2, L3... –, para resguardar a identidade dos indivíduos entrevistados, considerando que nem todos(as) são assumidamente LGBTQ+. Seu tempo de duração variou de 10 a 20 minutos.

Ao realizar o convite para as entrevistas, foi informado aos entrevistados o tema e os objetivos da pesquisa, realizando inicialmente uma conversa informal acerca do assunto.

Como base da entrevista, foi confeccionado um roteiro para servir de base. Procedimento que deve ser feito, de acordo com o que relata Manzini (1990/1991), complementando que perguntas além das pré-definidas podem ser feitas, de acordo com a percepção do contexto pelo entrevistador. Com isso, apresenta-se aqui o roteiro mencionado:

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?
- 02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?
- 03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do *pop* nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?
- 04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário *pop* nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.
- 05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionadas(os) contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

As dificuldades nesse momento não foram tantas. Os entrevistados consideravam importante a discussão proposta durante as entrevistas, o que ajudou a tornar o percurso bem natural. O entrevistador se dedicou a tornar o ambiente das entrevistas agradável, tentando realizá-las em locais de preferência das entrevistadas e dos entrevistados, de forma que pudesse ser dito tudo de que se via necessidade, sem que nenhum(a) dos(as) envolvidos(as) sentisse inibição pela presença de terceiros.

As conversas informais feitas junto ao convite para a entrevista, foram essenciais, não para influenciar os resultados, mas para que todos(as) estivessem devidamente informados(as) e cientes dos objetivos da pesquisa, para que usassem da sua sinceridade sempre, tendo ciência de que suas respostas influenciariam diretamente os resultados da pesquisa como um todo.

Foi necessário que o autor conhecesse previamente os entrevistados e as entrevistadas, para que as surpresas se restringissem às respostas e ao decorrer da pesquisa. Envolvendo pessoas, sempre foi necessário confiança e sigilo, o que seria mais garantido, se houvesse essa imersão de todos(as) os(as) envolvidos(as).

CAPÍTULO 3 – RESULTADOS E DISCUSSÕES: ONDE A PESQUISA CHEGOU

Aqui serão dispostos os resultados atingidos pela pesquisa, dando ênfase ao que foi concluído, e ao que foi alcançado além do que se objetivava inicialmente. Por vezes, também se apresentará os pontos em que não se conseguiu alcançar os resultados esperados.

Posteriormente, no item 3.2. serão feitas as discussões geradas do diálogo entre o referencial teórico – capítulo um –, a metodologia – capítulo dois – e seus resultados.

3.1. Resultados obtidos

Ao iniciar uma pesquisa, obviamente se espera alguns resultados, mesmo sem imaginar que alguns momentos trarão o desconhecido, e outros não suprirão as hipóteses levantadas. Em todo caso, se torna essencial trazer ambos ao corpo deste produto final, como forma de demonstrar o que foi a pesquisa em si.

Como percebido na metodologia, ao buscar a seleção dos artistas mais ouvidos em Viçosa, através do *Musical Map of the World*, não foram encontrados artistas LGBTQ+. Na verdade, encontrou-se artistas como Tiago Iorc que apoiam a causa, no entanto, ao ter a representatividade como categoria de análise, não é coerente selecionar pessoas que não compõem a comunidade. Posto isso, o resultado aqui atingido demonstrou que ainda não há em Viçosa, um consumo das músicas dos artistas LGBTQ+ suficiente para entrar no *ranking* de maior quantidade de ouvintes mensais. Mas isso não significa que não exista a representatividade.

Não foi possível também identificar os artistas com maior visibilidade, através dos critérios da *Recording Academy*, porém, isso demonstra o quanto está sendo percebido pela indústria fonográfica, que existem diferentes públicos consumindo as músicas, e cada grupo possui uma diferente quantidade de pessoas, logo, é esperado que as massas maiores acarretem maior consumo em visualizações e reproduções. Uma prova disso, são as modificações que a *Recording Academy* fez a partir a edição de 2019 do *Grammy Awards*. De acordo com Caio Coletti (2018), colunista do portal *online* da UOL, “Nas quatro categorias principais (álbum, canção e gravação do ano, além de melhor artista revelação), o número de indicados foi ampliado de cinco para oito, a fim de facilitar a diversificação.”

Como esses dois primeiros momentos não foram capazes de realizar o recorte dos artistas a serem trabalhados, foi admitido que essa seleção seria feita a partir dos nomes que aparecessem nas entrevistas. Portanto, é necessário apresentá-los como resultado direto das entrevistas.

Em meio à seleção da amostra a ser entrevistada, foi realizada uma pesquisa para conhecer as formas de sexualidade de maneira mais aprofundada, como foi exposto no capítulo anterior. Aqui serão dispostos alguns trechos encontrados, e algumas reflexões sobre a diversidade existente dentro da própria comunidade LGBTQ+.

Segundo Ansermet (2018), “o que caracteriza um transexual é a certeza de haver nascido com uma falsa anatomia” (ANSERMET, 2018, p.2.). Durante o artigo, o autor detalha, se pautando na experiência de um de seus pacientes que buscava resignação sexual, o que é ser transexual, levantando vários aspectos. Fala da complexidade da autodescoberta do(a) transexual, das questões psicológicas, do preconceito sofrido e também internalizado. Mas defende como é importante o acompanhamento à essas pessoas, feito profissionalmente por psicólogos, endocrinologistas, e principalmente, feito pelas pessoas que compõem o círculo de convivência da(o) transexual. Sejam amigos, família, colegas de trabalho. O autor destaca o quanto é importante entender a completude da situação (ANSERMET, 2018).

No decorrer da pesquisa, reconheceram-se sexualidades como pansexuais, os quais sentem atração por pessoas sem considerar gênero ou orientação sexual; demissexuais, que se relacionam com pessoas que as atraem intelectualmente, independentemente de orientação sexual. Há trabalhos que tratam os assexuais como uma quarta sexualidade, se juntando à heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Como eles se definem? São pessoas que sentem mínimo ou nenhum interesse sexual por outros. Não foi encontrado um consenso que demonstre com qual parte da comunidade LGBTQ+ os assexuais se identificam, ou se quer se consideram parte dela, de forma representativa. No entanto, sendo uma sexualidade que foge aos padrões heteronormativos, é demasiadamente importante inserí-los neste texto.

O objetivo que mais gerou resultados para a pesquisa, indubitavelmente, foi o da realização das entrevistas. Como foi estabelecido que os artistas seriam selecionados de acordo com o que aparecesse nas dez entrevistas, demonstra-se agora uma tabela com esses resultados. Para facilitar a visualização, os artistas serão dispostos por número de entrevistas em que aparecem.

É importante chamar a atenção para os números, observando o quão discrepante é a visibilidade entre os artistas. Posteriormente, é indicado observar também a qual parte da comunidade LGBTQ+ esses artistas pertencem, através da Tabela 2, que apresentará a forma como cada artista se identifica sexualmente, levando em conta o que foi relatado nas entrevistas, e pelo que o autor acompanhou individualmente de cada artista, principalmente no decorrer dessa pesquisa.

ARTISTA	ENTREVISTAS
Pablo Vittar	10
Glória Groove	8
Davi Sabbag	3
Ludmilla	3
Mateus Carrilho	3
Jhonny Hooker	2
Aretuza Lovi	2
Lia Clark	2
Liniker	2
Kaya Conky	1
Lulu Santos	1
Mulher Pepita	1
Nikki Mitrava	1
Não Recomendados	1
Rebecca Trans	1
Samira Close	1

TABELA 1 – Artistas selecionados para a pesquisa pelo número de entrevistas em que aparecem. Fonte Própria, 2019.

No tópico 3.2., haverá a discussão desses resultados, mas, novamente é salientado o quanto é importante se atentar ao número de aparições nas entrevistas, e quão brusca é a diferença entre os que mais aparecem, e os que menos aparecem.

Na Tabela 2, é possível observar que alguns artistas têm apenas uma informação na segunda coluna, como é o exemplo da travesti Nikki Mitrava. Isso quer dizer que esses(as) artistas se identificam da mesma forma que se apresentam publicamente, o que também deve ser levado em consideração no momento das análises dos resultados.

A listagem dos cantores e das cantoras segue o mesmo padrão da Tabela 1, para que a visualização se dê de forma mais facilitada, indicando-se a sobreposição de uma à outra, para realização das análises propostas para concretizar as discussões da pesquisa.

ARTISTA	COMO SE IDENTIFICA / COMO SE APRESENTA NA MÍDIA
Pablo Vittar	Homem Gay / <i>Drag Queen</i>
Glória Groove	Homem Gay / <i>Drag Queen</i>
Davi Sabbag	Homem Gay
Ludmilla	Mulher Bissexual
Mateus Carrilho	Homem Bissexual
Jhonny Hooker	Homem Gay
Aretuza Lovi	Homem Gay / <i>Drag Queen</i>
Lia Clark	Homem Gay/ <i>Drag Queen</i>
Liniker	Mulher Transexual
Kaya Conky	Homem Gay / <i>Drag Queen</i>
Lulu Santos	Homem Gay
Mulher Pepita	Mulher Trans
Nikki Mitrava	Travesti
Não Recomendados	Grupo LGBTQ+
Rebecca Trans	Homem Gay / <i>Drag Queen</i>
Samira Close	Homem Gay / <i>Drag Queen</i>

TABELA 2 – Artistas selecionados e como se identificam e se apresentam.

Fonte Própria, 2019.

De maneira geral, as entrevistas foram bem reveladoras, contribuindo enormemente à pesquisa como um todo. Por meio delas, foi possível chegar a diversos resultados.

A percepção dos entrevistados e das entrevistadas da forma como se faz a representatividade nas mídias de massa, em alguns momentos foram divergentes. Duas delas representam bem essa situação. Na entrevista L3, é nítida a opinião das pessoas LGBTQ+ que enxergam a representatividade midiática um tanto quanto estereotipada:

Principalmente no cinema, na música, eu acho que eu sinto falta de um outro tipo de representatividade. Eu acho que a representatividade que a gente tem hoje, ela não é suficiente. Eu acho muitas vezes, que nas novelas, por exemplo, acaba tendo uma representatividade, mas muitas vezes reforçando estereótipos. [...] (informação verbal)⁷

⁷ Ver Apêndice A.

Por outro lado, a entrevista L4 apresenta uma visão que entende a representatividade existente como reconhecimento da diversidade.

Essa representatividade dá força para que os movimentos continuem acontecendo, e visibilidade pra comunidade LGBT. Essas pessoas estão aí. Sempre estiveram. E principalmente no momento que estamos vivendo, de repressão, preconceito e intolerância. Então ter a representatividade nas mídias de massa, é reconhecer a diversidade que temos na nossa sociedade. (informação verbal)⁸

Quando perguntados sobre como percebem a representatividade acontecendo diretamente no *pop* nacional, as respostas demonstraram que, de forma geral, os entrevistados reconhecem que ela acontece cada dia mais, de maneira progressiva, e indubitavelmente, revelam seu desejo de que continue aumentando, e mesmo tendo a noção de que ainda há um longo caminho a ser percorrido, não deixam de prestigiar o que já se tem atualmente. Começa-se também a perceber que há integrantes da comunidade LGBTQ+ que reconhecem que ainda falta procura de mais artistas, que representam ainda mais diversidade. Essa visão é bastante percebida na entrevista L6 (grifo nosso):

De maneira geral, [o *pop*] é a área que mais tem representatividade. Eu acho que quem mais consome a música *pop* são os LGBT's. Então por isso que tem essa representatividade. Eu acho que em outras áreas tem bem menos, comparado. Então é área mais forte, **mas talvez não tão explorada.** (informação verbal)⁹

A entrevista L8 chega a aprofundar ainda mais a sua opinião com relação a forma como a representatividade acontece na mídia como um todo, dando o exemplo da maneira pela qual as novelas abordam a temática LGBT.

Acontece bastante [a representatividade LGBTQ+ no *pop* nacional], mas não o tanto que eu acho necessário. Eu acho que poderia ser falado mais. E de outra forma também. Eu acho que tentar passar mais informações *pras* pessoas. Igual a gente vê muito em novela, por exemplo. Ficam aquelas coisas muito “*clichezinhas*”, e a pessoa não entende mesmo o que está por trás. Todo o movimento, essas coisas. (informação verbal)¹⁰

Uma unanimidade que aparece nas entrevistas é a elevação dos artistas a ícones musicais, considerando ícones aqueles que tem grande visibilidade e a usam para representar

⁸ Ver Apêndice A.

⁹ Ver Apêndice A

¹⁰ Ver Apêndice A

determinado grupo. Em todas as entrevistas, se fez presente o reconhecimento desses ícones, que representam com o que podem. Fazem seu papel na luta da comunidade LGBTQ+, e esperam alcançar objetivos cada vez maiores.

Analisando a entrevista L1, nota-se que a representatividade em si, se funda em todo um contexto social, e que ter músicos que levam a luta em discussões a nível nacional, atribui a eles o ser ícone.

Com certeza contribuem [o suficiente para serem considerados ícones musicais]. Principalmente no atual cenário político e social do Brasil, é muito importante ter representantes da comunidade LGBTQ+ em ambientes de grande visibilidade. É uma forma de resistir à toda forma de opressão, ocupando espaços que tantas vezes a gente viu como proibidos pra nós. (informação verbal)¹¹

A entrevista L2 complementa essa visão, reconhecendo inclusive a necessidade da existência desses ícones.

Eu acho que desde quando tem alguém que toma atitude, que enfrenta, chega de frente né?! Enfrentar todo o preconceito, ir contra a sociedade, porque eu acho que a maioria não quer que isso seja tão exposto assim né?! Eu acho que desde quando alguém tem essa coragem, as pessoas se sentem mais representadas, e sentem mais à vontade de se juntar à luta. (informação verbal)¹²

Retornando à L3, insere-se a discussão sobre o prestígio e o reconhecimento do trabalho das mulheres LGBTQ+. Fica percebido como ainda falta a procura do trabalho das mulheres desse grupo, por parte da própria comunidade. Tanto que dentre os dezesseis artistas surgidos nas entrevistas, apenas três mulheres foram citadas.

Eu acho que sim [são ícones]. Justamente pela questão da própria representatividade. E por exemplo né?! Eu falei do *pop* em específico. Eu sinto falta da presença de mulheres, na cultura *pop*, mas isso não tira o fato *dos* artistas serem ícones musicais não! A representatividade vem da mesma forma. O *pop* em si, me remete muito a músicas que animam, sabe?! Músicas de festas, grandes eventos. Isso faz com que as pessoas se tornem ícones. A gente lembra muito performances, danças, isso reforça também o ícone, sabe?! Realmente faz aparecer mesmo, em rede nacional. Principalmente falando da Lia Clark, Pablio Vittar, como elas aparecem pra

¹¹ Ver Apêndice A

¹² Ver Apêndice A

rede nacional, sabe?! De forma performática. Então eu acho que isso contribui muito, de fato, *pras* pessoas verem. (informação verbal)¹³

Dentro dessa resposta, percebeu-se também que a forma como os(as) artistas se apresentam ao público influencia no fato de ser atribuídos a eles e elas o ser ícone. As apresentações performáticas exercem seu papel de chamar a atenção e causar curiosidade em quem as assiste.

Algo que também foi mencionado em algumas entrevistas, foi a questão do reconhecimento dos artistas enquanto ícones pela quebra de padrões, desconstrução de conceitos e presença em espaços considerados tradicionais, demonstrando que cantar não é a única coisa que leva os ícones a serem nomeados como tal. Para exemplificar, observa-se o que foi dito na entrevista L8:

Eu acho [são ícones]. Ainda mais na parte da televisão. Porque é de grande acesso. Igual outro dia mesmo, um exemplo: a Ludmilla foi no Faustão, que é um programa tradicional, que muita gente assiste no domingo, e esse assunto entrou lá. O Faustão falando sobre ela e a namorada dela, e tal. Eu achei até legal ter falado isso, porque assim, é um programa que a pessoa não vai assistir esperando um assunto que fale sobre isso. (informação verbal)¹⁴

Outro momento em que se percebe isso é na L9: “Eu creio que sim [são ícones]. Não só porque eles cantam. Eu acho que é mais porque eles põem a cara, sabe?!” (informação verbal)¹⁵

Um resultado importante a ser destacado é a percepção do público sobre os espaços onde as músicas tocam. Na maioria das entrevistas, foi afirmado que conhecer os artistas LGBTQ+ e seus trabalhos é algo que ainda está um tanto restrito aos ambientes onde convivem pessoas que fazem parte da comunidade. Em festas destinadas ao público heterossexual, é bem mais raro ouvir músicas produzidas pelos artistas mencionados, até mesmo que elas não tenham como tema direto a militância LGBTQ+. Como é perceptível na entrevista L3, quando o entrevistador buscou saber se conhecer os artistas e suas músicas era algo mais geral, ou moldado pela vivência da(o) entrevistada(o):

Eu sinceramente acho que é uma perspectiva pessoal. Os lugares que eu frequento, o grupo de amigos que eu tenho. Se eu perguntar uma outra pessoa, se essa pessoa conhece, por exemplo, quem é Gloria Groove, eu

¹³ Ver Apêndice A

¹⁴ Ver Apêndice A

¹⁵ Ver Apêndice A

acho que ela nem vai saber quem é. A Pablló Vittar conquistou esse espaço nacional, mas acho assim que ela é uma exceção. Eu acho que eu conheço mais, por uma perspectiva pessoal. Eu ouço a música e sei identificar, tipo assim: “ah! Lia Clark!” Eu acho que é uma perspectiva pessoal, e que ainda falta essa disseminação em outras festas. (informação verbal)¹⁶

Por outro lado, algumas pessoas já percebem essa disseminação acontecendo, a partir do círculo e convivência delas, que transcende à comunidade, como se vê na entrevista L2:

Principalmente de uns anos pra cá, com Pablló Vittar, Glória Groove, artistas que fizeram música que caíram mais no gosto do povo né?! Eu lembro que eu saía na rua e as pessoas, minha mãe, meu irmão, conheciam músicas de Pablló Vittar, e eu ficava assim: “gente, que bom né?!” (informação verbal)¹⁷

Sendo uma pesquisa que busca entender se existe e como acontece a representatividade LGBTQ+, muito se procurou por meios que demonstrassem o quanto enxergar esses artistas influenciava no cotidiano dos entrevistados. Muitos deles refletiram sobre a necessidade da presença de LGBTQ+ nas mídias de massa. A entrevista L5 demonstrou de forma bem pessoal como entende ser importante esse movimento:

[...] as músicas são muito boas, pra começar. E porque é bem aquilo que eu falei: você sente que tem mais pessoas como você, e você sente que tudo bem ser você. Então você pode correr atrás das suas coisas sem ter medo de alguém te derrubar, porque você é mais forte que tudo isso. (informação verbal)¹⁸

Buscando uma amostra significativa, o autor se dedicou a entrevistar pessoas que não acompanhavam os artistas na mesma intensidade, e o resultado, foram elas reconhecendo a representatividade como algo importante, e dando aos artistas o *status* de ícones em função disso. Uma das entrevistas nesse sentido, foi a identificada como L7:

Eu me sinto feliz, entendeu? De ver que essa diversidade está tomando cada vez mais lugares. Me sinto contemplado. Não que meu coração bata mais forte, ou eu fique eufórico, mas eu fico feliz por cantores declarados LGBT’s terem esse espaço na mídia, sabe? Essa notoriedade. Então isso me deixa feliz. (informação verbal)¹⁹

¹⁶ Ver Apêndice A

¹⁷ Ver Apêndice A

¹⁸ Ver Apêndice A

¹⁹ Ver Apêndice A

A entrevista L10, falou sobre as influências sobre seu cotidiano de forma extremamente pessoal, abrangendo o quanto foi rápida a mudança de percepção de sua sexualidade e da forma como pode exercê-la:

[...] claro que sinto isso no meu cotidiano. Hoje eu sinto menos medo de sair na rua, de ir *pras* festas, de dançar, e até ficar com outros meninos. Não tinha coragem de fazer isso 5 anos atrás. Claro que eu vivo num ambiente que me mostra que tenho onde me defender caso algo aconteça comigo, mas a minha aceitação vem muito da minha aproximação ao trabalho desses artistas. Eles mostram que a gente é lindo pelo que a gente é. (informação verbal)²⁰

Ainda sobre a questão da aceitação pessoal da sexualidade, a pessoa entrevistada e identificada como L2, dá um breve depoimento, relatando como se sente ao ver pessoas LGBTQ+ emergindo na mídia, com ajuda do *pop*:

Quando você se sente representado, quando tem pessoas ali dizendo: “A gente é normal que nem você!” ou “A gente existe!”. Eu me sinto muito mais normal ou mais representado, porque desde muito cedo a gente é levado a oprimir esses sentimentos. Porque acha que o que está acontecendo com a gente não é normal. Mas a gente nasce assim! Quando você se sente representado, é muito mais reconfortante e encoraja muito mais a se aceitar. (informação verbal)²¹

Em diversos momentos, foi mencionado o fato de a música estar enquanto produto no sistema capitalista, e Viçosa estar inserida na Região Concentrada (SANTOS; SILVEIRA, 2006). Na entrevista L6, foi percebido a questão das empresas, ou gravadoras, contratarem esses artistas, às vezes como estratégia de *marketing*, no entanto, foi demonstrado que existe uma parte da comunidade LGBTQ+ que não deixa de considerar isso como um avanço:

Nada que uma empresa faz, não tá voltado pra estratégia. Falando assim como engenheiro *né?!* Porque eu estudo isso. Mas pelo menos está sendo uma estratégia que vai trazer um impacto positivo. Porque poderia, muito pelo contrário, pensar numa estratégia que ia fugir disso. Empresário só pensa em lucro, então se ela está pensando na comunidade, já é um bom fator. É um avanço. (informação verbal)²²

Entendendo o que é a representatividade, há a reflexão de sua relevância em âmbito social. A entrevista L7 dá um exemplo de quando a comunidade enxerga essa importância:

²⁰ Ver Apêndice A

²¹ Ver Apêndice A

²² Ver Apêndice A

Não só no cenário atual, mas desde muito tempo atrás isso foi necessário, entendeu? Porque essa cultura sempre foi excluída, ou oprimida. Então sempre foi necessário. E agora mais do que nunca, porque não só a exclusão, mas a gente tem a repressão ultimamente *né?! Muito ataque. Então, mais do que nunca é preciso ter visibilidade, ter gente apoiando e defendendo a causa. (informação verbal)*²³

Algo que também foi observado, foi uma visão que diz achar necessário mais apoio e reconhecimento aos artistas, vindo de dentro da própria comunidade, como foi dito na entrevista L10:

Acontece bastante [a representatividade através dos artistas LGBTQ+]. Talvez falte mais apoio vindo dos próprios gays, lésbicas e todos que fazem parte dessa comunidade, mas acontece bastante sim, e não só agora. Tem ganhado mais força, até mesmo pela liberdade na mídia, em se postar músicas sem depender tanto de uma gravadora. (informação pessoal)²⁴

Em momento algum os resultados dessa pesquisa foram influenciados pelas intenções do autor. Todas as informações são verídicas e se pautaram puramente nos objetivos específicos. Foi possível encontrar resultados que não eram os principais a serem atingidos pela pesquisa, e esses serão demonstrados de forma mais adequada no próximo item, o das discussões.

3.2. Discussões

Para iniciar as discussões, é necessário deixar explícito que elas se fundamentam principalmente nos resultados obtidos, no conhecimento prévio do autor sobre o tema, e da parte correspondente ao referencial teórico, o Capítulo 1. Sem mais delongas, se propõe agora a discussão, como produto final desta pesquisa.

O fato de não terem sido encontrados artistas LGBTQ+ no *ranking* viçosense, muito se deve ao que foi revelado nas entrevistas, como a falta da disseminação desses profissionais fora do meio LGBTQ+. Como a maioria dos entrevistados e das entrevistadas afirmou, o conhecimento das músicas acontece por influência dos lugares de convivência entre essas pessoas. Elas conhecem as músicas porque frequentam festas onde elas tocam, acessam elas porque se interessam e se empenham em aumentar a visibilidade da causa. Mas se não fizessem parte da comunidade, dificilmente buscariam esse tipo de conteúdo, porque atualmente, a divulgação não chega em ambientes heterossexuais, com a força necessária para

²³ Ver Apêndice A

²⁴ Ver Apêndice A

garantir que se tenha um conhecimento aprofundado de quem canta, e da relevância social que as músicas carregam.

É certo que existem casos em que pessoas fora da comunidade acessam esse conteúdo, por empatia à causa, por compor alguma outra minoria, e compreender a importância do reconhecimento e prestígio dos tipos de representatividade social, por se aliar à causa, ou simplesmente por gostar das letras, da sonoridade. Esses casos não são suficientes para garantir que pessoas fora do meio LGBTQ+ conheçam, ou saibam distinguir quais músicas são interpretadas por quais artistas, porém, é importante entender que qualquer passo dado deve ser levado em consideração.

Quando a reprodução dessas músicas deixar de se restringir aos espaços ocupados por LGBTQ+, pode-se dizer que existe concretamente a contribuição da música *pop* nacional para a transformação da identidade de resistência LGBTQ+ em identidade de projeto, no entendimento das definições de Castells (2008).

Ao mudar os critérios de escolha e classificação dos(as) indicados(as) ao *Grammy Awards*, a *Recording Academy* demonstra, até mesmo pela sua justificativa exposta nos resultados, estar enxergando a diversidade dos artistas, revelando a diversificação da própria sociedade. Entender a composição variada que forma os públicos, e demonstrar isso expandindo o número de indicações, prova que o objetivo não é premiar quem tem maior visualizações e reproduções, criando uma escala que define quem tem grande visibilidade e quem não é tão visto assim. Mostra que existe uma preocupação em garantir que o público se sinta representado, e que exista coerência entre o que acontece socialmente e mercadologicamente com a música.

Ao selecionar os artistas, o autor chamou a atenção ao número de vezes que cada um apareceu nas entrevistas. Há uma diferença discrepante entre os artistas mais mencionados e os que apareceram menos vezes²⁵. Como pode-se perceber na Tabela 1, Pabllo Vittar foi unanimidade, aparecendo em todas as entrevistas. Houveram falas que destacaram o quanto a visibilidade da *drag queen* é visivelmente maior que a dos outros artistas. Ao comparar com Glória Groove, que aparece oito vezes, a diferença não é tão grande, mas basta olhar para Davi Sabbag, Ludmilla e Mateus Carrilho, que ocupam o terceiro lugar na lista. Os três aparecem apenas em três das dez entrevistas. O restante é mencionado somente em uma ou duas. O público entrevistado foi diversificado, e isso pode ter influenciado o surgimento de nomes diferentes, mas a unanimidade em Pabllo Vittar pode demonstrar como a visibilidade

²⁵ Ver Tabela 1

ainda está restrita à uma parcela mínima dos artistas. Há pessoas que acreditam que a discrepância nos números de aparições dos artistas se deve à falta de apoio dos próprios membros da comunidade LGBTQ+. o que fica evidente em falas como a da entrevista L5:

Eu acho que as pessoas deveriam ouvir mais os cantores que trabalham a representatividade, os mais desconhecidos, sabe?! Daqueles projetos no YouTube, que estão assim super mascarados, tipo do Projeto Sofar, que sempre traz muito o pessoal que trabalha com esses temas. (informação verbal)²⁶

O projeto mencionado na entrevista é o *Sofar Latin America* que realiza apresentações musicais em ambientes residenciais, ou até inusitados. No Brasil, há o costume de se dar a oportunidade de apresentação aos artistas pertencentes às minorias sociais, com o intuito de aumentar a disseminação de seus talentos e trabalhos.

Muitas coisas têm o poder de contribuir para que o trabalho de Pablló Vittar continue sendo o mais visível. O próprio mercado exerce sua contribuição de forma expressiva, ao chamar a *drag queen* para realizar parcerias comerciais, incentivar campanhas contra a LGBTfobia e indiretamente – ou algumas vezes não tão indiretamente assim – aumentar o alcance de seus produtos, utilizando a imagem da cantora como estratégia de *marketing*.

Não se deve tirar de Pablló Vittar também o reconhecimento de sua trajetória. Por incansáveis vezes, a *drag queen* passou por situações de LGBTfobia em rede nacional. Foi duramente criticada em uma de suas campanhas publicitárias para uma marca influente de roupas no Brasil, teve seu perfil oficial no YouTube *hackeado*, vez ou outra é possível encontrar comentários em suas redes sociais usando termos pejorativos, na tentativa de ofender a artista pela sua orientação sexual. Sem falar de quantas vezes sofreu na pele a LGBTfobia na sua vida tanto antes quanto depois da fama. Com tudo isso, e ainda considerando que veio de uma região humilde do nordeste brasileiro, seu caminho não foi nada fácil. Até mesmo dentro da comunidade LGBTQ+, teve que provar seu talento por inúmeras vezes, e chegou a ser desacreditada pelo público, que dizia que ela reforçava os estereótipos, ou que não cantava tão bem para ser considerada uma boa cantora profissional.

Diante de tudo isso, a cantora se manteve firme, agarrou as oportunidades que surgiram, e atingiu uma das maiores marcas da música *pop* nacional do Brasil atual, não apenas dentro do contexto LGBTQ+. Hoje, ela tem cerca de três milhões e trezentos mil ouvintes mensais em uma das principais plataformas *streaming* em uso no Brasil.

²⁶ Ver Apêndice A

Com toda certeza, as(os) outras(os) artistas passaram por momentos parecidos. Infelizmente, a única coisa que motiva a luta contra a LGBTfobia são todas as influências negativas que ela acarreta, e basta ouvir alguma música, ou assistir alguma entrevista, que se terá noção do quanto esses(as) artistas tiveram, e constantemente ainda têm que se manter ativamente na luta.

Comparando agora a Tabela 2 com a 1, adentra-se a discussão de gênero. Ainda que se apresentem através de personagens femininas, Pablllo Vittar e Glória Groove, as mais mencionadas, de forma pessoal se apresentam como homens gays. A falta do reconhecimento do trabalho das mulheres, mencionada anteriormente na entrevista L3, é muito expressiva. Houveram apenas três mulheres mencionadas, sendo entre elas duas transexuais e uma cis. O que demonstra como a realidade patriarcal se perpetua dentro da comunidade LGBTQ+. O número de mulheres representando a comunidade, no geral, é tão grande quanto o de homens, porém, o trabalho delas ainda é menos reconhecido pela comunidade como um todo. Se fundando novamente na entrevista L3, tem-se a seguinte reflexão:

[...] a partir do momento que eu falo que faço parte da comunidade LGBT, eu acho que toda forma de representatividade, ela vai sim refletir na minha vida. Eu acho que talvez não de forma direta, porque como eu te falei, eu sinto falta sim, de mulheres cis LGBTs na cultura *pop* do Brasil, sim! Eu só lembrei da Ludmilla, e ela é uma pessoa que a gente sabe há pouco tempo *né?! (informação verbal)*²⁷

Entender que esses(as) artistas surgiram de forma espontânea revela que mesmo combatendo o patriarcado, a comunidade LGBTQ+ ainda carrega consigo alguns resquícios, reproduzindo não só a internalização da LGBTfobia, citada por Rezende (2016), mas também o que podemos chamar de internalização do patriarcado. O que mostra que as lutas e as conquistas advindas delas, devem partir de dentro pra fora. Somente uma comunidade bem consolidada, é capaz de se apropriar das campanhas em conjunto, conseguindo resultados mais concretos.

Estereótipos tendem a acompanhar grupos sociais considerados como minoria em direitos civis. É certo que esse cenário motiva mobilizações sociais que buscam a quebra de padrões estereotipados. Muitas vezes, como apontado nas entrevistas, os estereótipos são reproduzidos como forma um tanto equivocada de representar a comunidade. Isso acontece, porque geralmente essa reprodução acontece em meios midiáticos dominados pela comunidade

²⁷ Ver Apêndice A

heterossexual, que conhece gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos pelas figuras que fogem da realidade de sua convivência, como se ser LGBTQ+ atribuísse uma anormalidade ao indivíduo, que o fizesse se distinguir em meio à sociedade heteronormativa. “Como se ser gay fosse só querer beijar homem.” (Entrevista L8) (informação verbal)²⁸

Ainda com esse cenário, grande da parte da comunidade mantém suas críticas, mas reconhece que todo tipo de representatividade deve ser levado em consideração. Vivemos em uma época em que a diversidade social tem se revelado cada dia mais abertamente, e encontrado apoio nos mais variados movimentos, para se sustentar. Resultado de anos de caminhada, as conquistas da luta pelo apoio à diversidade têm sido cada vez maiores e mais reconhecidas.

Os entrevistados, no geral, apresentaram seu desejo de que a representatividade continue aumentando. Mesmo nos casos em que o acompanhamento dos artistas é mínimo, percebe-se um ânimo frente o aumento do reconhecimento da diversidade através da música *pop* nacional.

Esperava-se entender se a comunidade LGBTQ+ residente em Viçosa reconhecia os(as) artistas enquanto ícones. De fato, até mesmo aqueles(as) entrevistados(as) que não acompanham rotineiramente os trabalhos das(os) artistas, as(os) reconheceram enquanto ícones, através da consideração do trabalho que garante a representatividade. Nos outros casos, em que as(os) entrevistadas(os) conhecem e acompanham as(os) artistas, esse reconhecimento é ainda mais perceptível, logo, é inegável, até mesmo pelo que se vê nas entrevistas, que o ser ícone é atribuído de forma intensa, e que a noção do que é ser ícone está bem disseminada em meio às pessoas envolvidas na pesquisa, que se preocuparam em garantir que ficasse entendido que a principal motivação do ser ícone se dá pela representatividade LGBTQ+.

Há casos em que o reconhecimento enquanto ícones vêm dos sentimentos pessoais causados por todo contexto da música *pop* nacional apropriada pela comunidade LGBTQ+. Nitidamente a comunidade se sente aclamada pelas músicas e por todo o cenário referente a elas. E a comoção gerada disso, faz com que se entenda os artistas e as artistas enquanto ícones musicais.

A maneira como esses artistas costumam se apresentar ao público é capaz de chamar a atenção, causar curiosidade, e às vezes até um certo incômodo, que para a comunidade, ou para a maioria dela, funciona como uma quebra de padrões heteronormativos. Algo que é

²⁸ Ver Apêndice A

percebido por Hall (2014) através da “crise de identidade”. Para a parcela conservadora da sociedade, esse incômodo surge porque é como se os LGBTQ+ estivessem indo contra o que é certo para o homem e o que é certo para a mulher, perante, é claro, o conservadorismo que se justifica no modelo familiar monogâmico patriarcal para estruturar a sociedade. Um homem vestido de trajes femininos, dançando e cantando músicas que costumavam ser interpretadas por mulheres não é nada conservador, e não é considerado natural por quem defende essa forma de enxergar a sociedade. E é em razão desse dizer que se entende essa quebra de padrões como a “crise de identidade”.

Ao entender como funciona a representatividade, as pessoas tendem a reconhecê-la além de um único viés, que no caso das artistas e dos artistas LGBTQ+ aqui tratados, estaria ligado às gravações, clipes e apresentações. É notável como a comunidade entrevistada entende a extrapolação desse único viés, acompanhando entrevistas dos e das artistas, aparições em programas da tevê aberta considerados tradicionais, e até mesmo a presença das músicas em ambientes não destinados especificamente ao público LGBTQ+.

Falando desse último aspecto, explica-se a percepção das pessoas entrevistadas sobre a falta da disseminação das músicas em ambientes mais heterogêneos. É certo que como um produto de mercado, a música sempre será produzida visando um público-alvo específico, no entanto, quando se trata de representatividade, o consumo dessas músicas pelo público heterossexual implica que a representatividade está acontecendo, não só porque a comunidade LGBTQ+ sabe que héteros estão ouvindo as músicas, mas porque estão ouvindo sabendo quem canta, e porque canta, em termos de representatividade. Essa disseminação começa dentro da própria comunidade, para que a partir daí, divulguem entre si os trabalhos e os artistas, e expandam essa divulgação nos ambientes de convívio onde não exista presença apenas de LGBTQ+.

A forma como alguns dos entrevistados enxergam um novo mundo a partir dos avanços do movimento LGBTQ+, é um exemplo do quão importante é a existência e presença de artistas que trabalhem nesse sentido representativo. É visível como as falas são carregadas de esperança em uma realidade mais agradável e aberta à diversidade.

O mercado exerce seu poder dentro do sistema capitalista, tratando as músicas enquanto produto. Se realizarmos uma análise das últimas propagandas comerciais, muito possivelmente iremos notar um novo interesse em trazer participantes que representem uma minoria social. É óbvio que vão existir casos em que o interesse por trás das propagandas será estritamente comercial, com o desejo de aumentar os lucros da empresa contratante, mas fica

a reflexão, se isso pode ou não contribuir com o aumento da visibilidade dos(as) artistas, e todo o contexto da representatividade.

A comunidade LGBTQ+ está atenta, e se importa muito em garantir que o movimento avance no sentido de garantir a equidade de direitos. E mesmo que em momentos pareça muito crítica em relação ao que acontece coletivamente, ou até estagnada no que se refere à continuidade da luta social, apenas os que vivem a realidade desse grupo são capazes de discernir qual a hora de aumentar a intensidade das estratégias e pautas do movimento, daquela em que se deve refletir os alcances, conquistas, e os futuros desejos e anseios dessa comunidade tão diversificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se buscou com a pesquisa, demonstrar a forma como se dava a representatividade LGBTQ+ na música *pop* nacional, pelos olhos da comunidade representada na cidade de Viçosa. A pesquisa foi enormemente engrandecedora no sentido de atingir seus objetivos. Dois dos específicos – *i* e *ii* – não foram atingidos da forma que se esperava, porém, isso não foi capaz de comprometer os resultados da pesquisa.

De forma proeminente, se observou bastante que a comunidade está demasiadamente preocupada com a representatividade social LGBTQ+, e que se empenha em reconhecê-la, mesmo que nas suas menores manifestações. Há sentimentos variados com relação a esse cenário, mas todos eles remetem à uma espécie de gratidão e esperança de uma vivência mais agradável, onde não seja tão necessário lutar contra o preconceito.

O entendimento do que é ser um ícone musical transcende a atuação de um indivíduo que busca usar sua visibilidade para representar um grupo ou causa, chegando a envolver esses sentimentos mencionados, a forma como os(as) artistas se apresentam, os meios em que as músicas são representadas. Ser um ícone musical LGBTQ+ é representar esse grupo com todos os artifícios que aparecerem, é falar da causa em suas músicas, apresentações, entrevistas. É ocupar espaços de discussão política, adentrar debates considerados tradicionais, ressignificar termos e conceitos pejorativos, denunciar a LGBTfobia.

O trabalho dos(as) artistas LGBTQ+ ainda deve ser mais divulgado pela comunidade que é seu público-alvo principal, para que a representatividade aconteça de forma mais ampla e continue se mantendo. Todas as conquistas e mudanças dos paradigmas heteronormativos até aqui devem ser considerados, e essa noção é muito viva em meio à porção da comunidade que foi entrevistada, mas isso não nega o fato de que ainda há conquistas a serem feitas.

Em conjunto, falta ainda a procura e disseminação do trabalho das artistas mulheres, transexuais e cis, para que seja igualitário o reconhecimento do trabalho e talento de todas(os) as(os) artistas que se empenham em representar a comunidade LGBTQ+.

Por conseguinte, uma das artistas visivelmente alcançou um estágio totalmente diferente das(os) demais. Pablllo Vittar, que apesar de se apresentar como uma *drag queen*, se identifica como um homem gay, sem sombra de dúvidas, está à frente do movimento representativo, na visão da comunidade viçosense entrevistada. Com o tempo, ela vem ajudando as portas a serem abertas por artistas com menor visibilidade, e não se deve deixar de considerar que ela ainda é uma exceção. Algumas pessoas fora do meio LGBTQ+ a conhecem, mas estritamente como artistas. Não é tão comum encontrar essas pessoas defendendo a causa ao cantar as

músicas de Pablo Vittar, pois algumas vezes elas não sabem distinguir quem as canta. No entanto, a questão é entendida e tratada como um grande avanço, e uma chance de postergar o alcance da causa.

A representatividade tão mencionada nessa pesquisa, de fato existe – o que não se questionou em momento algum, como objetivo – e é assentida pela comunidade residente em Viçosa. De forma ativa, os(as) entrevistados(as) reconhecem, aceitam e participam da representatividade LGBTQ+ advinda dos(as) artistas da música *pop* nacional.

Esse reconhecimento acontece, devido ao entendimento do que é a representatividade. Entendimento esse que nunca esteve tão disseminado em meio às comunidades. Sempre tentou-se tratar esse conceito, para que as pessoas absorvessem ativamente sua complexidade e importância. Pelo que se alcançou com a pesquisa, é muito provável que finalmente essa absorção esteja ocorrendo da forma que se esperava.

Os passos a serem dados, apesar de serem muitos, têm hoje muito mais formas de se fundamentar, e estão muito mais imbricados na comunidade como um todo. Hoje, é comum saber onde os indivíduos querem chegar com a luta: na equidade de direitos civis, na quebra dos paradigmas heteronormativos e no fim da internalização da LGBTfobia. A comunidade está mais atenta do que nunca.

BIBLIOGRAFIA

ANSERMET, François. Eleger o próprio sexo: usos contemporâneos da diferença sexual. In: **Opção Lacaniana Online Nova Série**. a. 9. n. 25 e 26. 17 p. Março/Julho de 2018. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_25/Eleger_o_proprio_sexo.pdf> Acesso em: 02 de outubro de 2019.

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Tradução de Carmen C, Varriale et. al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed. 1998. Vol. 1: 674 p. (total: 1.330 p.)

BRASIL. Atos administrativos. **Resolução nº 175**, 14 de maio de 2013. Brasília, DF. Conselho Nacional de Justiça, maio 2013. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=2504>> Acesso em: 23 de maio de 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. Lei de Racismo. **Lei 7.716 de 5 de janeiro de 1989**. Brasília, DF. 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm> Acesso em 13 de junho de 2019.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. In: **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6. ed. v. 2, São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

COLETTI, Caio. Após críticas, Grammy 2019 aumenta número de mulheres entre indicados. **Entretenimento UOL**. 7 dez. 2018. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2018/12/07/apos-criticas-grammy-2019-aumenta-numero-de-mulheres-entre-indicados.htm>> Acesso em: 02 de outubro de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974 – 1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIRONCOURT, Georges. La géographie musicale. In: **La Géographie**. XLVIII, 1927, 292302. Disponível em: <<http://tinyuri-.com/3e8shrkr>>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2014. 64 p.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia**: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. In: Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades. v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.

LEYSHON, Andrew. MATLESS, David. REVILL, George. **The place of music**. New York: Guilford Press, 1998.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MUSEU VILLA-LOBOS. **Sítio Eletrônico do Museu Villa-Lobos**, 2007. Música e Fala. Disponível em: <<http://museuvillalobos.org.br/villalob/musica/index.htm>>. Acesso em: 14 de outubro de 2018.

NASH, Peter. CARNEY, George. The seven themes of music geography. In: **Canadian Geographer**. 40, 1996, 6974. Disponível em: <<http://tinyuri.com/3qbz5ac>>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

PANITZ, Lucas Manassi. Por uma geografia da música: um panorama mundial e vinte anos de pesquisas no Brasil. In: **Para onde!?**. Porto Alegre: Instituto de Geociências, UFRGS/PPGEA, v. 6, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2012.

REDAÇÃO MUNDO ESTRANHO. Como são escolhidos os ganhadores do Grammy, o “Oscar da música?”. **Super Interessante**. 8 fev. 2019. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-sao-escolhidos-os-ganhadores-do-grammy-o-oscar-da-musica/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2019

REZENDE, Marcelo Martins. **Homofobia**: para além das aparências. Porto Alegre: Mediação, 2016.

RUMI, Scheila Cristina Panigassi Tamburgo Ortega. **Geografia e Música**: leituras geográficas da construção da identidade brasileira através da música. São Paulo: PUC/SP, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp. 2002.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Joseleide Terto de. **Contextos contemporâneos**: homossexuais, culturas e mídia. São Paulo: USP/Escola de Comunicação e Artes, 2009.

SPOTIFY. **Musical map of the world**. Disponível em: <<https://spotifymaps.github.io/musicalcities/>>. Acesso em: 21 de agosto de 2019

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

APÊNDICE A

Transcrição das entrevistas

Entrevista L1

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Sim

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do *pop* nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Muito

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Pablo Vittar, Glória Groove, Davi Sabbag, Mateus Carrilho, Jhonny Hooker

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Com certeza contribuem. Principalmente no atual cenário político e social do Brasil, é muito importante ter representantes da comunidade LGBTQ+ em ambientes de grande visibilidade. É uma forma de resistir à toda forma de opressão, ocupando espaços que tantas vezes a gente viu como proibidos pra nós.

Entrevista L2

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim.

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Com certeza.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Acontece muito, principalmente de uns anos pra cá, com Pablllo Vittar, Glória Groove, artistas que fizeram música que caíram mais no gosto do povo né?! Eu lembro que eu saía na rua e as pessoas, minha mãe, meu irmão conheciam músicas de Pablllo Vittar, e eu ficava assim. Gente, que bom né?! Que mesmo apesar de tudo, eles gostam do artista.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Pablllo Vittar, Glória Groove, somado com vários, e agora eu me lembrei do Lulu Santos, que apesar de ele ter mantido, pelo menos na mídia, em segredo a sexualidade dele. Agora ele está mais disposto a mostrar que ele realmente é. Acho que deu uma visibilidade bem grande também, sabe?!

05) Você acha que o cenário musical atual, considerando a conquista de espaço pela comunidade LGBTQ+, se você considera que ela existe, contribuiu com a decisão de Lulu Santos em revelar a sexualidade?

R: Eu acho que desde quando tem alguém que toma atitude, que enfrenta, chega de frente né?! Enfrentar todo o preconceito, ir contra a sociedade, porque eu acho que a maioria não quer que isso seja tão exposto assim né?! Eu acho que desde quando alguém tem essa coragem, as pessoas se sentem mais representadas, e sentem mais a vontade de se juntar à luta!

06) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Acho que sim. Claro que se não tivesse sido eles, poderia ter aparecido outros no futuro, mas isso não tira o mérito deles terem começado isso hoje.

07) No contexto mais pessoal, você acha que essa questão de ter pessoas representando, como você falou, contribui para sua vivência no cotidiano?

R: Com certeza. Quando você se sente representado, quando tem pessoas ali dizendo “A gente é normal que nem você!” ou “A gente existe!”. Eu me sinto muito mais normal ou mais representado, porque desde muito cedo a gente é levado a oprimir esses sentimentos. Porque acha que o que está acontecendo com a gente não é normal! Mas a gente nasce assim. Quando você se sente representado, é muito mais reconfortante e encoraja muito mais a se aceitar!

Entrevista L3

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Sim. Eu acho assim: já melhorou muito né?! No decorrer dos anos, assim, se for comparar. Mas eu sinto muita falta assim, principalmente no cinema, na música, eu acho que eu sinto falta de um outro tipo de representatividade. Eu acho que a representatividade que a gente tem hoje, ela não é suficiente. Eu acho muitas vezes, que nas novelas, por exemplo, acaba tendo uma representatividade, mas muitas vezes reforçando estereótipos. Por isso sinto falta de uma representatividade em outra forma.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Então, eu acho que sim. Pelo que eu vejo, é uma representatividade que acontece majoritariamente no pop. Pode ter tido sim uma influência norte-americana, claro, só que o pop daqui, tem uma pegada diferente, é uma cultura que foi criada aqui mesmo. Pode ter sofrido alguma influência norte-americana, justamente pelos artistas LGBT brasileiros terem esse tipo de representatividade, mas o pop no Brasil, eu acho que se tornou meio que independente. Os cantores LGBT brasileiros tiveram esse ponto de partida, principalmente observando as cantoras norte-americanas como um símbolo de representatividade. Isso não deixa de influenciar.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Pablllo Vittar, Lia Clark, Gloria Groove. Assim, o que eu mais ouço e que eu gosto são esses três. Ana Carolina, também que eu ia falar, mas Ana Carolina não é pop né?! Ludmilla!!! Eu já ia falar: estou sentindo falta de mulheres!

05) Você entende essa visão como uma perspectiva pessoal, ou acha que já é mais geral? Como se esses artistas e essa músicas fossem disseminados em outros locais?

R: Eu sinceramente acho que é uma perspectiva pessoal. Os lugares que eu frequento, o grupo de amigos que eu tenho. Se eu perguntar uma outra pessoa, se essa pessoa conhece por

exemplo, quem é Gloria Groove, eu acho que ela nem vai saber quem é. A Pablllo Vittar conquistou esse espaço nacional, mas acho assim que ela é uma exceção. Eu acho que eu conheço mais, por uma perspectiva pessoal. Eu ouço a música e sei identificar, tipo assim: ah! Lia Clark! Eu acho que é uma perspectiva pessoal, e que ainda falta essa disseminação em outras festas. Dar um exemplo assim muito básico: em festa de formandos, você quase não ouve tocando esse tipo e música LGBT. Eu acho que falta essa disseminação pra outros espaços. É preciso não tocar uma música da Pablllo Vittar só porque ela tá cantando com a Anitta.

06) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Eu acho que sim. Justamente pela questão da própria representatividade. E por exemplo né?! Eu falei do pop em específico. Eu sinto falta da presença de mulheres, na cultura pop, mas isso não tira o fato dos artistas serem ícones musicais não! A representatividade vem da mesma forma. O pop em si, me remete muito a música que animam, sabe?! Músicas de festas, grandes eventos. Isso faz com que as pessoas se tornem ícones. A gente lembra muito performances, danças, isso reforça também o ícone, sabe?! Realmente faz aparecer mesmo, em rede nacional. Principalmente falando da Lia Clark, Pablllo Vittar, como elas aparecem pra rede nacional, sabe?! De forma performática. Então eu acho que isso contribui muito, de fato, pras pessoas verem.

07) Esse cenário influencia de alguma forma o seu cotidiano? Muda alguma coisa?

R: Olha, no meu cotidiano, eu acho que isso muda sim, sabe?! Porque a partir do momento que eu falo que faço parte da comunidade LGBT, eu acho que toda forma de representatividade, ela vai sim refletir na minha vida. Eu acho que talvez não de forma direta, porque como eu te falei, eu sinto falta sim, de mulheres cis LGBTs na cultura pop do Brasil, sim! Eu só lembrei da Ludmilla, e ela é uma pessoa que a gente sabe há pouco tempo né?! Que faz parte disso. Então eu acho que talvez não de forma direta, influencia no meu cotidiano, mas eu acho que influencia sim, à medida em que eu falo que faço parte de uma comunidade.

Entrevista L4

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Sim, claro, acho. Essa representatividade dá força para que os movimentos continuem acontecendo, e visibilidade pra comunidade LGBT. Essas pessoas estão aí. Sempre estiveram. E principalmente no momento que estamos vivendo, de repressão, preconceito e intolerância. Então ter a representatividade nas mídias de massa, é reconhecer a diversidade que temos na nossa sociedade.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Existe uma representatividade, mas ela está ligada a uma questão de mercado. Acho que por exemplo, a discussão sobre Pink Money. Chegou o momento em que as empresas, elas viram que existia um público, esse público queria consumir esse tipo de produto, e então o mercado veio a criar algo pra que esse público consuma esse produto. Então eu acho que nada é por acaso. Existe a representatividade, mas existe assim: o mercado vem moldar essas pessoas, pra que elas atendam determinado público, mas que venham também com uma proposta de mercado

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Gloria Groove, Pablio Vittar, Banda Uó, mas eu nem sei se a banda existe ainda. Mateus Carrilho, é o que eu acompanhei mais, assim. É! Talvez ele então.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Eu acho que sim.

06) Mas você acha que isso contribui de alguma forma pro seu cotidiano? Mesmo nessa perspectiva mercadológica que você mencionou?

R: São contribuições que devem ser consideradas, mesmo dentro dessa lógica do mercado, porque entrando nas mídias de massa, elas estão atingindo vários públicos, então as pessoas estão tendo noção assim dessa diversidade.

07) E isso você entende a partir de uma visão sua, dos lugares que você frequenta, ou é algo geral?

R: Isso é uma coisa mais minha né?! Dos lugares que eu frequento, as pessoas que eu converso. Não é geral. Eu não sei se as pessoas vão ter essa percepção né?! Entender essa lógica de mercado, não sei se todo mundo tem essa visão.

Entrevista L5

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Em certos momentos sim, em certos momentos não. Porque tem um julgamento muito grande dentro da comunidade, então, assim, o pessoal faz questão de distinguir e ficar separando todo mundo, entendeu? Então assim, como eu não concordo com isso, em alguns casos eu não me sinto como parte integrante da comunidade.

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Mais do que nunca. Nossa! Com certeza! Porque acaba dando um espelho pro pessoal né?! O pessoal acaba vendo que não tá sozinho né?! E sentindo que eles podem lutar pra ser quem eles são.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Nos últimos anos, eu diria que está perto dos 70%, assim na questão da quantidade. Vem aumentando bastante, né?! O número de artistas que trabalham a representatividade.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Não recomendados, um trio maravilhoso. Liniker, Jhonny Hooker, Aretuza. Não vou nem citar a Pablló, porque a Pablló já tá até batida já. Até agora só consigo pensar nesses, mas tem muito mais.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Sim, só que, justamente pelo que eu falei antes, pela distinção, a separação que a comunidade faz, alguns deles não tem tanta visibilidade quanto merecem.

06) Isso é uma visão, uma perspectiva pessoal?

R: Pontualmente. No meu caso é uma coisa muito específica. Desde que eu me entendo por gente, os meus gostos começaram a ser moldados. Até sem saber, eu sempre ouvia artistas que estivessem ligados a isso.

07) E o seu cotidiano? É beneficiado ou influenciado por isso?

R: Beneficia, porque as músicas são muito boas, pra começar. E porque é bem aquilo que eu falei: você sente que tem mais pessoas como você, e você sente que tudo bem ser você. Então você pode correr atrás das suas coisas sem ter medo de alguém te derrubar, porque você é mais forte que tudo isso. Eu acho que as pessoas deveriam ouvir mais os cantores que trabalham a representatividade, os mais desconhecidos, sabe?! Daqueles projetos no YouTube, que estão assim super mascarados, tipo do Projeto Sofar, que sempre traz muito o pessoal que trabalha com esses temas.

Entrevista L6

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Com certeza.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: De maneira geral, é a área que mais tem representatividade. Eu acho que quem mais consome a música pop são os LGBT's. Então por isso que tem essa representatividade. Eu acho que em outras áreas tem bem menos, comparado. Então é área mais forte, mas talvez não tão explorada. Muitas vezes são mulheres né?! Consumem coisas de mulheres, mas não tanto dos LGBT's mesmo. Mas isso está numa crescente maior agora.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Inegavelmente: Pablllo Vittar, Gloria Groove. Assim, que seja realmente LGBT, porque tem quem apoia a causa, mas não são LGBT's. Tem Liniker, Daniela Mercury, Ana Carolina. Acho que citei bastante. Citei mais mulheres né?! Engraçado. Homens tem bem menos. Mas tem Aretuza, Pepita. Mas acho que esses quatro que eu citei são os principais.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Com certeza. Acho que hoje Pablllo e Gloria são maiores referências. Mas Daniela Mercury é uma referência assim, atemporal. Tem muito tempo que ela está batalhando pela causa, e sempre faz muita coisa. Principalmente em termos de congresso. Eu já vi que ela foi em várias reuniões.

06) Você conhece esses artistas em função de quê?

R: Dos quatro que eu citei, três da minha vivência: Gloria, Ana Carola e Daniela são pela vivência. Pablllo realmente todo mundo já ouviu falar. Pode não saber muito bem o que é, mas já ouviu falar.

07) Você sente que seu cotidiano é afetado de alguma forma?

R: Com certeza. Afeta de forma indireta a questão de aceitação, da população de uma maneira geral. E também porque isso vai gerar menos preconceito, mais aceitação. Além de gerar conteúdo, e marketing e tal, aumentando a visibilidade da causa.

08) E quanto às estratégias de *marketing* das empresas? Elas ajudam ou prejudicam a representatividade LGBTQ+?

R: Nada que uma empresa faz, não tá voltado pra estratégia. Falando assim como engenheiro né?! Porque eu estudo isso. Mas pelo menos está sendo uma estratégia que vai trazer um impacto positivo. Porque poderia, muito pelo contrário, pensar numa estratégia que ia fugir disso. Empresário só pensa em lucro, então se ela está pensando na comunidade, já é um bom fator. É um avanço.

Entrevista L7

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Sim. Não só no cenário atual, mas desde muito tempo atrás isso foi necessário, entendeu? Porque essa cultura sempre foi excluída, ou oprimida. Então sempre foi necessário. E agora mais do que nunca, porque não só a exclusão, mas a gente tem a repressão ultimamente né?! Muito ataque. Então, mais do que nunca é preciso ter visibilidade, ter gente apoiando e defendendo a causa.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Eu vejo pouco. A gente tem alguns casos famosos assim, né?! Principalmente ultimamente, mas acho que ainda é muito pouco comparado com todo o pop. Né?! Se a gente colocar todos os cantores, cantoras, acho que é muito pouco.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: A gente vê Pablio Vittar, que tá muito famosa. Não vejo ela defendendo assim, muito a causa entendeu? Mas ela tá ali! (não defende muito a causa). Tem a Pitty. Não que ela esteja nesse meio, assim. Mas ela defende a igualdade e tudo.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Eu não sou muito ligado à música assim, pra ficar pesquisando e vendo. Mas, da minha opinião, assim, talvez eles não levem a causa a ferro e fogo mas eu acho que só deles estarem ali, e estarem falando sobre isso, as pessoas vendo eles como dessa causa, entendeu? Cria essa visibilidade, cria esse incômodo, às vezes, cria um assunto em cima disso. Então, acho que só por isso já é um bom passo pra se começar, entendeu? Eu não saberia dizer se eles defendem muito a causa, porque eu não estou tão ligado no que eles estão fazendo sabe?!

06) Você vê isso por estar no grupo, ou se não estivesse veria da mesma forma?

R: No meu caso eu diria porque eu estou no grupo. Porque eu vejo muitos cantores que são famosos, do sertanejo, por exemplo. Mas eu não conheço eles, entendeu? Eu sei que são muito famosos, que estão por aí, que outras pessoas gostam muito, mas não chega até mim, porque eu não tô nesse meio do sertanejo, sabe? Mas pra outras pessoas é muito forte. Todo mundo canta, todo mundo sabe. Eu acho que por eu estar nesse meio eu sei um pouco mais, posso falar um pouco mais. Apesar que sim, nos últimos tempos, cantores LGBT's estão tendo grande visibilidade na mídia.

07) E como você se sente quanto a isso?

R: Eu me sinto feliz, entendeu? De ver que essa diversidade está tomando cada vez mais lugares. Me sinto contemplado. Não que meu coração bata mais forte, ou eu fique eufórico, mas eu fico feliz por cantores declarados LGBT's terem esse espaço na mídia, sabe? Essa notoriedade. Então isso me deixa feliz.

Entrevista L8

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Como qualquer outro assunto, eu acho que tem que ser falado em qualquer lugar.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Acontece bastante, mas não o tanto que eu acho necessário. Eu acho que poderia ser falado mais. E de outra forma também. Eu acho que tentar passar mais informações pras pessoas. Igual a gente vê muito em novela, por exemplo. Ficam aquelas coisas muito “clichezinhas”, e a pessoa não entende mesmo o que está por trás. Todo o movimento, essas coisas. Como se ser gay fosse só querer beijar homem. Não aprofunda. Acha que é só relacionamento amoroso, sabe?! Não tem uma questão social, nada.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Sim. Tipo, eu acho que a Ludmilla agora né?! Que muita gente não esperava, principalmente eu. Pablo, Gloria Groove. Tem mais, mas eu não tô lembrando no momento.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Eu acho. Ainda mais na parte da televisão. Porque é de grande acesso. Igual outro dia mesmo, um exemplo: a Ludmilla foi no Faustão, que é um programa tradicional, que muita gente assiste no domingo, e esse assunto entrou lá, o Faustão falando sobre ela e a namorada dela, e tal. Eu achei até legal ter falado isso, porque assim, é um programa que a pessoa não vai assistir esperando um assunto que fale sobre isso. E também, pelas redes sociais, né?! Claro! Que através de stories, essas coisas, elas podem dar mais foco nesse assunto. Não só pela música.

06) Você sente que enxerga isso porque está no grupo, ou veria da mesma forma se não estivesse?

R: Se for comparar com antigamente né?! Há uns 10 anos atrás, por exemplo, eu acho que está muito mais inserido. Porque só de lembrar, você não lembra de ver nenhum cantor, artista. Não assim, publicamente, né?! Mas eu acho que hoje está muito mais. Não só no meio que eu estou, assim, muito mais né?! Claro! Mas no geral, hoje em dia eu acho que está muito mais. Muitas vezes não do jeito certo né?! Infelizmente.

07) Você acha que isso influencia o seu cotidiano, ou mesmo o de outras pessoas LGBTQ+? Em questões de vivências sociais e demais relações?

R: Não sei se isso influencia. Porque igual a questão de emprego. Vai mais assim de quem tá te oferecendo esse emprego né?! Acho que a questão do cantor não vai influenciar. Eu acho. Não sei. Posso estar errada. Porque acho que é uma coisa muito pessoal. Não sei. Depende do meio que você está também. Talvez influencie um pouco.

08) Você tem algo mais a dizer?

R: Acho que é um tema importante. Temos que falar sempre e tal. E meio que a gente tem que fazer de tudo, pra que seja cada vez mais visto né?! Pra que as pessoas comecem a respeitar cada vez mais, e a entender o lado de cada um.

Entrevista L9

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Sim

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Com certeza.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Assim, com o passar do tempo, só está surgindo mais, então eu creio que a gente ainda não esteja tão representado hoje em dia, mas está aumentando.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Samira Close, Rebecca Trans, Nikki Mitrava, Kaya Conky, Gloria Groove, Pablio Vittar.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Eu creio que sim. Não só porque eles cantam. Eu acho que é mais porque eles põem a cara, sabe?! Esses artistas definitivamente não tocam em qualquer ambiente. Eu conheço eles porque eu estou no meio, né?! Se eu não estivesse, eu não conheceria.

06) E já que você falou sobre o fato de estar no meio LGBTQ+ fazer com que conheça os artistas, você acha que de alguma forma a representatividade que eles carregam influencia o seu cotidiano?

R: Diretamente não, mas indiretamente sim.

Entrevista L10

01) Quanto à sua orientação sexual e identidade de gênero, você se considera parte da comunidade LGBTQ+?

R: Me considero sim.

02) Diante do cenário social nacional, você sente a necessidade da representatividade LGBTQ+ nas mídias de massa (como por exemplo TV aberta, Cinema, Música etc)?

R: Com toda certeza do mundo. Principalmente em momentos onde a opressão tem ameaçado retornar com força, e que temos visto tantos exemplos de homofobia por aí.

03) Você acha que a representatividade acontece através dos(as) artistas musicais do pop nacional? Conseguiria definir quanto você percebe essa representatividade?

R: Acontece bastante. Talvez falte mais apoio vindo dos próprios gays, lésbicas e todos que fazem parte dessa comunidade, mas acontece bastante sim, e não só agora. Tem ganhado mais força, até mesmo pela liberdade na mídia, em se postar músicas sem depender tanto de uma gravadora.

04) Você conhece algum(a) artista LGBTQ+ envolvido(a) no cenário pop nacional? Se sim, cite de dois(duas) a cinco.

R: Conheço alguns, mas de longe, as que mais se destacam são Pablló Vittar e Glória Groove. Talvez pela forma como se apresentam e tal. Da pra falar também dos meninos que saíram da Banda Uó: o Davi e o Mateus. E claro, a Ludmilla.

05) Na sua opinião, as(os) artistas mencionados contribuem para a comunidade LGBTQ+ a ponto de serem consideradas(os) ícones? Por quê?

R: Com toda certeza do mundo. Igual eu disse: ainda falta reconhecimento da própria comunidade, mas é muito clara a forma como os artistas usam seu espaço pra gritar sua sexualidade como orgulho. Ressignificando termos pejorativos nas músicas, fazendo uma militância que atinge pessoas que não estão tão desconstruídas ainda. E claro que sinto isso no meu cotidiano. Hoje eu sinto menos medo de sair na rua, de ir pras festas, de dançar, e até ficar com outros meninos. Não tinha coragem de fazer isso 5 anos atrás. Claro que eu vivo num ambiente que me mostra que tenho onde me defender caso algo aconteça comigo, mas a minha aceitação vem muito da minha aproximação ao trabalho desses artistas. Eles mostram que a gente é lindo pelo que a gente é.